

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Teoria Literária e Literaturas

Mestrado em Literatura

ESTRANGEIROS NA OBRA DE MILTON HATOUM  
LEITURA DOS CONTOS DE **A CIDADE ILHADA**

Marina Arantes Santos Vasconcelos

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Isabel Edom Pires

Julho de 2013

ESTRANGEIROS NA OBRA DE MILTON HATOUM  
LEITURA DOS CONTOS DE **A CIDADE ILHADA**

Marina Arantes Santos Vasconcelos

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Literatura pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Maria Isabel Edom Pires

Julho de 2013

# **Instituto de Letras – Universidade de Brasília**

## **Exame de Dissertação**

VASCONCELOS. Marina Arantes Santos. Estrangeiros na obra de Milton Hatoum. Leitura dos contos de **A cidade ilhada**. Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, em julho de 2013.

### **Banca Examinadora**

Dissertação para obtenção do grau de Mestre

Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Maria Isabel Edom Pires	Presidente (TEL/UnB)
Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Cintia Schwantes	Membro (TEL/UnB)
Prof <sup>a</sup> . Dr <sup>a</sup> . Susana Moreira de Lima	Membro (EAPE/SE/GDF)
Prof. Dr. Ricardo Araújo	Suplente (TEL/UnB)

Professor Doutor Piero Luis Zanetti Eyben, Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília.

Julho de 2013

## **DEDICATÓRIA**

À minha família, pela compreensão, paciência e apoio.

## AGRADECIMENTOS

- A Deus, por representar toda a força e a possibilidade de realização deste projeto.
- Ao Programa de Pós-Graduação em Literatura do Departamento de Teoria Literária e Literaturas do Instituto de Letras da Universidade de Brasília, pela oportunidade e pelo fomento às atividades de pesquisa.
- À Professora e Orientadora Maria Isabel Edom Pires, pela orientação generosa e responsável e pelo compartilhamento de seu conhecimento, leituras e experiência acadêmica.
- Aos funcionários do TEL, pelo atendimento sempre solícito e gentil, em especial à Ana Maria e ao Carlito.
- Às Professoras Elizabeth Hazin, Sara Almarza e Junia Barreto, pelas contribuições acadêmicas durante o curso e as disciplinas realizadas.
- Aos colegas da Pós-Graduação, pelas discussões, compartilhamento de informações e apoio constante,
- À Dona Java Leão (*in memoriam*), avó, entusiasta e incentivadora dos meus estudos durante toda a vida.
- Às amigas Cássia Maués e Maíra Nunes, por terem sido companhias fundamentais durante esta jornada.
- À minha família – Étore, Ruth, Denise, Érico, Gustavo e Lorena –, pela paciência, compreensão e apoio constantes.
- A todos, minha sincera gratidão.

Estrangeiros na obra de Milton Hatoum  
Leitura dos contos de **A cidade ilhada**

RESUMO

Este trabalho identifica, no livro de contos **A cidade ilhada**, de Milton Hatoum, publicado em 2009, os personagens estrangeiros. O objetivo é mapear quantos são, quem são e como são representados, a partir, principalmente, de três dimensões: a Semiologia, a Psicanálise e as Ciências Sociais e Políticas. Um aspecto essencial é o fato de se tratar de uma coletânea de contos. Nesse sentido, considerações de natureza tipológica serão ponderadas, a partir dos estudos teóricos sobre esse gênero. A partir desse cenário, a intenção é traçar um olhar sobre o tema da imigração e sobre o conceito de “estrangeiridade” na literatura brasileira, além de observar como o autor particulariza sua acepção.

**Palavras-chave:** Estrangeiros, imigração, literatura brasileira, cultura moderna, Milton Hatoum.

## ABSTRACT

This work identifies, in the book of short stories **A cidadeilhada**, by Milton Hatoum, published in 2009, the foreign characters. The goal is to map as many they are, who they are and how they are represented, from, mainly, three dimensions: the Semiologic, the Psychoanalytical and the Social and Political Sciences. An essential aspect is the fact of the text being a collectanea of short stories. In this case, considerations about this genre will be deliberated. From this scenario, the intention is to trace a look at the issue of immigration and the concept of 'foreignness' in Brazilian literature, and observe how the author discusses its meaning.

**Keywords:** Foreigners, Immigration, Brazilian literature, modern culture, Milton Hatoum.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
I – O ESTRANGEIRO EM PERSPECTIVA.....	13
<b>1)    CONTRIBUIÇÃO DAS CIÊNCIAS – SEMIOLOGIA, PSICANÁLISE E CIÊNCIAS     SOCIAIS.....</b>	<b>13</b>
1.1.) A DIMENSÃO SIMBÓLICA.....	13
1.2.) ESTRANHOS, ESTRANGEIROS E O LEGADO FREUDIANO.....	19
1.3.) AS CIÊNCIAS SOCIAIS E A DIMENSÃO POLÍTICA.....	28
II – ESTRANGEIROS NA CIDADE ILHADA.....	34
<b>1)    ESTRANGEIROS DE HATOUM.....</b>	<b>36</b>
<b>2)    VIAGEM INTROSPECTIVA: DO NATURALISTA OITOCENTISTA AO     INTELLECTUAL CONTEMPORÂNEO.....</b>	<b>46</b>
2.1.) DIÁLOGO COM A TRADIÇÃO.....	46
2.2.) DA HISTORIOGRAFIA À CENA CONTEMPORÂNEA.....	50
<b>3)    EM BUSCA DA AMAZÔNIA – DESTINO (IN)CONSCIENTE?.....</b>	<b>54</b>
3.1.) A SELVA EM FOCO: O OLHAR ESTRANGEIRO.....	60
III. O ESTRANGEIRO DE HATOUM E AS DIMENSÕES DE ANÁLISE.....	62
BIBLIOGRAFIA.....	75



## INTRODUÇÃO

O escritor Milton Assi Hatoum é autor de quatro romances – **Relato de um certo Oriente** (1989), seguido de **Dois Irmãos** (2000), **Cinzas do Norte** (2005), e **Órfãos do Eldorado** (2008) – e de uma coletânea de contos – **A cidade ilhada** (2009) – cujas narrativas figuram como *corpus* central desta pesquisa acadêmica. Tendo em vista sua condição de filho de imigrantes libaneses, apresenta uma produção literária fortemente influenciada pela temática da imigração, do exílio e dos fluxos migratórios contemporâneos.

A motivação inicial deste trabalho surgiu a partir da leitura de seu romance inaugural. O objetivo primeiro foi desenvolver um estudo sobre a questão do outro, da alteridade, com respaldo nas pesquisas de autores como Tzvetan Todorov, Rogério Haesbaert, Stuart Hall e Néstor Garcia Canclini. Para isso, o primeiro pensamento foi partir da análise de **Relato de um certo Oriente**. O romance inova ao apresentar ao leitor brasileiro o retrato de uma imigração recente, retratada pela família de Emilie – de origem árabe –, que aporta o chão amazônico e ali se estabelece, com seus dramas, suas histórias e as experiências decorrentes de um exílio forçado.

Nesse sentido, ao aprofundar a leitura e ampliar o ângulo de observação sobre a narrativa, deparamo-nos com a figuração de outros sujeitos estrangeiros convivendo com esse clã matricial emigrado do Líbano. E são presenças como essas que trazem à tona indagações como: de onde vieram? Para onde se destinam? Como é o convívio com os nativos e com os outros imigrantes e estrangeiros ali presentes? Quem são esses sujeitos, enfim? E eis que seguimos sondando as demais narrativas e deparamo-nos, em sua última publicação, de 2009, com representações mais constantes e evidentes desses estrangeiros aportando e povoando a selva manauara hatoumiana.

Esse contexto, portanto, redimensionou o enfoque da pesquisa e sugeriu alteração no *corpus* principal do trabalho para o livro de contos **A cidade ilhada**, conforme apresentado acima. Essa nova perspectiva desencadeou a proposição de novas hipóteses e pontos de partida para o desenvolvimento da análise. Conforme foi ressaltado no resumo inicial, compreender como Milton Hatoum particulariza um conceito ou uma acepção para representar figurativamente esses sujeitos estrangeiros em suas narrativas é a via que passa a conduzir a leitura das narrativas.

**A cidadeilhada** é uma coletânea organizada em torno de 14 contos. São eles: *Varandas da Eva, Uma estrangeira da nossa rua, Uma carta de Bancroft, Um oriental na vastidão, Dois poetas da província, O adeus do comandante, Manaus, Bombaim, Palo Alto, Dois tempos, A casa ilhada, Bárbara no inverno, A ninfa do teatro Amazonas, A natureza ri da cultura, Encontros na península e Dançarinos na última noite*. Um aspecto importante e que será desenvolvido mais detalhadamente no segundo capítulo é relacionado à estrutura do conto enquanto gênero literário em evidência na contemporaneidade. Para isso, parto, principalmente, das contribuições de Ricardo Piglia (2004) e de Julio Cortázar (2008), sobretudo quanto às particularidades e aos efeitos provocados pelas narrativas escritas nesse gênero textual. Um dado relevante é que o próprio condensamento dessa modalidade de escrita parece contribuir para a formação da atmosfera nômade, efêmera, passageira desses enredos, em suas formas breves – num diálogo com o título do livro de Piglia – e eficazes, provocando no leitor, portanto, o “efeito-nocauté” – nos termos de Cortázar – e sintetizador, característicos dos contos e – por que não – da própria condição errante desses personagens estrangeiros ali figurados.

Feita essa consideração tipológica, parto ao objetivo central desta pesquisa, qual seja o de realizar um percurso analítico que permita uma compreensão em relação à acepção particularizada de Milton Hatoum sobre a noção de “estrangeiridade” desenvolvida na figuração desses personagens estrangeiros presentes nos contos de **A cidadeilhada**. Uma hipótese norteadora para a realização do trabalho partiu da percepção de que o traçado figurativo de Hatoum apresenta sinais de dialogar com representações do estrangeiro inseridas na tradição literária nacional, a exemplo de personagens presentes em romances escritos pelos primeiros autores de ficção no Brasil, já na primeira metade do século XIX. Isso posto, passo a tratar, portanto, do aspecto estrutural do trabalho. A dissertação está dividida em três partes distintas, porém complementares.

No primeiro capítulo – O estrangeiro em perspectiva – me ocupo de pensar sobre a condição estrangeira de uma forma geral, levando em consideração os conceitos, as teorias e o legado que diferentes campos do conhecimento já desenvolveram sobre quem é o sujeito estrangeiro e a respeito de noções que possam sugerir definições para o termo “estrangeiridade” na literatura.

A primeira contribuição pesquisada partiu dos estudos da Semiologia. Por meio da compreensão etimológica do termo “estrangeiro”, conto, neste primeiro tópico, com

a colaboração de estudiosos apreciadores da perspectiva semiótica, como Ferdinand Saussure (2006), Antônio Geraldo da Cunha (2010), Tzvetan Todorov (2011), para quem, por exemplo, “(...) o semiótico não pode ser pensado fora da relação com o outro (...)”, além da pesquisadora Julia Kristeva (1994) e do clássico **Dicionário de Símbolos** de Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009), para procurar apreender a dimensão simbólica associada a esse sujeito.

Estando ciente, portanto, dos estudos mais abrangentes e abstratos relacionados ao constructo de um perfil para esse estrangeiro que é nosso objeto de análise, adianto-me ao segundo tópico, em que a teoria de Freud e a Psicanálise norteiam a reflexão proposta. Inicialmente, recorro aos ensaios de Julia Kristeva (1994), que já oferecem, no centro de sua análise, uma ampla revisão conceitual a respeito de quem seja o estrangeiro, desde a perspectiva helenística até o advento do nacionalismo moderno. Em seguida, passo a observar a própria obra de Sigmund Freud. Volto-me, principalmente, a dois artigos de grande relevância sobre o tema – **O estranho** (1925) e **Totem e tabu** (1913-1914), alcançando e dialogando, a partir da leitura desse último tratado, com a obra de Oswald de Andrade e os estudos a seu respeito, desencadeados, sobretudo, pelo pesquisador Carlos Gardin (1995). Isso para notar, de forma mais relevante, como as noções associadas ao estrangeiro – ao outro – estão, via de regra, carregadas de conotação antropofágica: “(...) A opção pela antropofagia como solução alternativa estética e ideológica. (...)” (Gardin, 1995, p. 47), no caso brasileiro.

E assim, para finalizar o primeiro capítulo, lanço o olhar para as Ciências Sociais e a dimensão política da “estrangeiridade”. Em evidência, estão autores como Rogério Haesbaert (2011), Néstor Garcia Canclini (2008) e Stuart Hall (2006). O que se sobressai neste tópico, de forma central, é o impacto dos estudos em relação às noções de desterritorialização, culturas híbridas e identidade do sujeito moderno – ou pós-moderno – sobre a criação literária contemporânea.

Já no segundo capítulo – Estrangeiros na cidade ilhada – estreito o foco de análise e passo, inicialmente, a apresentar os estrangeiros que aparecem em cada conto, com o intuito de tentar perceber uma gênese ou um viés originário a partir do qual se dá a construção e a caracterização desses sujeitos na obra de Milton Hatoum. Falo a respeito do gênero literário selecionado – o conto –, a partir dos prismas mencionados mais acima, e sigo apresentando e caracterizando cada estrangeiro encontrado nas narrativas, conto por conto.

O tópico seguinte, ainda neste segundo capítulo, destina-se a realizar o que chamo de diálogo com a tradição. Por meio de uma revisão bibliográfica dos registros que a historiografia da literatura brasileira apresenta em relação às figurações dos personagens estrangeiros, procuro aproximar as análises desenvolvidas neste trabalho da tradição literária nacional. Em seguida, trato de traçar um percurso que vai da historiografia à cena contemporânea. Neste caso, busco priorizar e enfatizar a produção atual para fundamentar a pesquisa. Fica em evidência, nesse contexto, a natureza da viagem de cada estrangeiro, em seus percursos e travessias pela cidade flutuante.

O que segue é o terceiro tópico deste segundo capítulo. Nele, procuro observar a relação que os estrangeiros aportados na Manaus de Hatoum desenvolvem com a Floresta Amazônica. A questão principal aqui é investigar de que ordem são esses encontros. A pergunta que apresento é se esse destino (a Amazônia) fora planejado ou mero acaso. Nesse ponto, procuro levar em consideração características de natureza simbólica e psíquica, como o fascínio e o mistério que rondam a selva equatorial, além de aspectos políticos e sociais, vinculados às noções de território, fluxos imigratórios contemporâneos e deslocamentos voluntários. Desenvolvo, ainda, um subtópico, destinado a explorar e aprofundar a análise sobre essas presenças estrangeiras na cidadeilhada. Observo, então, o olhar desses sujeitos. Intitulado “A selva em foco: o olhar estrangeiro”, é um item em que os movimentos de captura de imagens estão em relevo e que as percepções e expressões desses personagens são evidenciadas, a partir de teóricos como Gaston Bachelard (2010) e Roland Barthes (2010), a exemplo da observação deste último: “(...) o olhar é sempre virtualmente louco: é ao mesmo tempo efeito de verdade e efeito de loucura. (...)” (Barthes, 2010, p. 167).

E, dessa forma, chego ao terceiro capítulo – O estrangeiro de Hatoum e as dimensões de análise. Nele, retorno aos estrangeiros de **A cidadeilhada**, voltando a observá-los, também conto por conto, e levando em consideração, agora, cada dimensão de análise desenvolvida nos capítulos anteriores. Trata-se de um capítulo conclusivo, destinado a aproximar as dimensões de análise desenvolvidas no primeiro capítulo e a leitura das narrativas. Interessa, principalmente, ver relacionados conceitos, teorias e *corpus* selecionado. E espera-se, com essas aproximações, chegar a algum aporte figurativo para uma acepção particularizada da ““estrangeiridade”” representada por Milton Hatoum, além de compreender de que modo o autor insere-se na tradição literária nacional.

## I – O estrangeiro em perspectiva

(...) Emilie me confundiu com Armand Verne. Ele, sim, é um linguista aplicado e tutor dos nativos. Verne pensa que pode promover a cultura indígena elaborando cartilhas bilíngues. É um equívoco: **não se pode dominar totalmente um idioma estrangeiro, porque ninguém pode ser totalmente outro.** (...)

(Hatoum, 2009, p. 97, grifo meu)

Ao nos apresentar sua primeira coletânea de contos, Milton Hatoum também dá sinais que indicam a sedimentação de um estilo e a coerência interna de sua obra. **A cidade ilhada** (2009) oferece a oportunidade de se visitar aquela província amazonense aduzida pelo autor em seus primeiros romances, que agora divide a cena com o cosmopolitismo de outras paisagens, como Paris, Bangcoc ou Palo Alto, e conta com a presença mais evidente de um sujeito cuja figuração é o interesse principal deste trabalho: o estrangeiro.

Identificar uma acepção particular da ““estrangeiridade”” requer a antecipada tarefa de compreensão da representação do estrangeiro na narrativa contemporânea, numa perspectiva abrangente e que considere indagações essenciais, como sub-rubricas da temática principal, a exemplo da dúvida sobre o que ainda é possível narrar, tendo em vista a identidade cindida do estrangeiro na modernidade, e de se perceber a experiência desse sujeito nesta que é, segundo Edward Said (2003), a “era da imigração em massa”.

### 1) Contribuição das ciências – Semiologia, Psicanálise e Ciências Sociais

Este primeiro capítulo ocupa-se, sobretudo, do legado que distintos campos do conhecimento oferecem para o entendimento do conceito de ““estrangeiridade””. Nesse sentido, o objetivo aqui é transportar para a cena principal de observação outros estrangeiros – mais solitários, errantes, deslocados, além de, em certa medida, apresentarem traços enigmáticos e curiosos – a partir, em primeiro plano, de uma perspectiva específica: a Semiologia.

#### 1.1.) A dimensão simbólica

Etimologicamente, o termo ‘estrangeiro’, de acordo com Antônio Geraldo da Cunha (2010), vem do latim e remete ao caráter do que é “relativo à nação diferente daquela a que se pertence” (Cunha, 2010, p. 272). Já o termo ‘estranho’, nessa perspectiva, configura o que é “extraordinário, raro, maravilhoso” (Cunha, 2010, p. 272). Com isso, busco uma aproximação entre a origem dos vocábulos para construir o aporte conceitual relacionado à noção de “estrangeiridade”. Tzvetan Todorov explora essa questão da alteridade em seu **A conquista da América** (2011):

(...) Escrevo este livro para tentar fazer com que não se esqueça esta história, e mil outras semelhantes. Para responder à questão: como se comportar em relação ao outro?, o único meio que encontrei foi contar uma história como exemplo, a história da descoberta e da conquista da América. Ao mesmo tempo, **essa pesquisa ética é uma reflexão sobre os signos, a interpretação e a comunicação, pois o semiótico não pode ser pensado fora da relação com o outro** (...).

(Todorov, 2011, contracapa, grifo meu)

Nessa abordagem, o autor apresenta quatro perspectivas centrais que configuram os títulos de seus capítulos: Descobrir, Conquistar, Amar e Conhecer. É nessa sequência que nos apresenta suas reflexões sobre a questão do outro. Seu ponto de partida é a subdivisão categórica do tema:

(...) Posso conceber os outros como uma abstração, como uma instância da configuração psíquica de todo indivíduo, como o Outro, outro ou outrem em relação a *mim*. Ou então como um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos. Este grupo, por sua vez, pode estar contido numa sociedade: as mulheres para os homens, os ricos para os pobres, os loucos para os ‘normais’. Ou pode ser exterior a ela, uma outra sociedade que, dependendo do caso, será próxima ou longínqua: seres que em tudo se aproximam de nós, no plano cultural, moral e histórico, ou desconhecidos, estrangeiros cuja língua e costumes não compreendo, tão estrangeiros que chego a hesitar em reconhecer que pertencemos a uma mesma espécie. Escolhi esta problemática do outro exterior, de modo um pouco arbitrário, e porque não podemos falar de tudo ao mesmo tempo, para começar uma pesquisa que nunca poderá ser concluída. (...).

(Todorov, 2011, p. 3, 4)

Em um panorama inicial, como se vê acima, Todorov apresenta uma acepção abstrata para o outro (instância da configuração psíquica de todo indivíduo); e uma acepção concreta (um grupo social concreto ao qual *nós* não pertencemos). Nessa perspectiva concreta, distingue ainda dois grupos: aqueles que estão dentro de nossa

sociedade e aqueles que se inserem em sociedades exteriores (próximas ou longínquas). Trata-se de uma divisão clara e funcional para esta pesquisa. Isso porque podemos entender que a primeira acepção (abstrata) abrange a dimensão simbólica do termo; e, por outro lado, a acepção concreta e suas subdivisões envolvem outras dimensões – política, social, cultural.

Para Saussure (2006), a língua é fato humano e “(...) um sistema de signos (...) comparável, por isso, à escrita (...) **aos ritos simbólicos** (...) aos sinais militares etc. (...)” (Saussure, 2006, p. 23, grifo meu). Dessa aproximação, portanto, depreende-se sua ligação com os estudos da Semiologia – ciência, segundo o teórico, que estuda “(...) a vida dos signos no seio da vida social (...)” (Saussure, 2006, p. 24). Segundo explica, “(...) as leis que a Semiologia descobrir serão aplicáveis à Linguística e esta se achará dessarte vinculada a um domínio bem definido no conjunto dos fatos humanos (...)” (Saussure, 2006, p. 24). Realizo essa digressão a Saussure para chegar à reflexão de Julia Kristeva (1994) a respeito do que ela denomina “semiologia do efeito sobrenatural” – termo este que a autora aproxima da noção de estranho e de estrangeiro. Segundo Kristeva, a Semiologia altera a natureza arbitrária do signo linguístico e confere a ele uma “importância real”, em contraponto com sua dimensão simbólica. De acordo com a teórica, o “(...) símbolo deixa de ser símbolo e ‘reveste toda a eficiência e toda a significação do simbolizado’ (...)” (Kristeva, 1994, p. 195). Nesses termos, explica, “(...) a realidade material que o signo devia indicar correntemente pulveriza-se em proveito da imaginação, que não é senão ‘a acentuação excessiva da realidade psíquica em relação à realidade material’ (...)” (Kristeva, 1994, p. 195).

E nesse pulverizar-se do real em imaginação, abre-se o campo figurativo relacionado a esse estranho, estrangeiro. Decorre daí que se evidencia, segundo a teórica, a condição ambivalente desse encontro entre o ‘eu’ e o ‘outro’: “(...) Diante do estrangeiro que recuso e ao qual me identifico ao mesmo tempo, perco os meus limites, não tenho mais continente, as lembranças das experiências em que me haviam deixado cair me submergem, descontrolo-me. (...)” (Kristeva, 1994, 196). Os vetores desse sobrenatural, segundo a autora, reforçariam, então, no sujeito, a dificuldade de se refazer o “(...) trajeto de identificação-projeção que jaz no fundamento de (...) acesso à autonomia (...)” (Kristeva, 1994, p. 196).

Em seu **Dicionário de Símbolos** (2009), Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, por sua vez, trabalham um conceito para o estrangeiro: “(...) Com efeito, quando Adão e Eva são expulsos do Paraíso, abandonam sua pátria e possuem, a partir desse momento,

estatuto de estrangeiro, de emigrado. (...)” (Chevalier & Gheerbrant [et al.], 2009, p. 403). Para fundamentar, recuperam histórica e simbolicamente as acepções do termo e explicam que “(...) todo filho de Adão é um hóspede de passagem, um estrangeiro em qualquer país em que se encontre (...) Pode igualmente significar a parcela existente no homem, ainda errática e não assimilada, em busca da identificação. (...)” (Chevalier & Gheerbrant [et al.], 2009, p. 403-404).

Partindo dessa noção de busca da identificação, volto, então, a Todorov, em sua reflexão sobre signos, interpretação, comunicação e à sua semiótica relacionada à questão do ‘outro’: “(...) Quero falar da descoberta que o *eu* faz do *outro*. (...)” (Todorov, 2011, p. 3). O teórico, como vimos, investiga o universo relacionado ao encontro entre as civilizações do Velho e do Novo Mundo para desenvolver sua pesquisa. Segundo afirma, “(...) a descoberta da América, ou melhor, a dos americanos, é sem dúvida o encontro mais surpreendente de nossa história. **Na ‘descoberta’ dos outros continentes e dos outros homens não existe, realmente, este sentimento radical de estranheza.** (...)” (Todorov, 2011, p. 5, grifo meu). Sua constatação de que esse encontro carrega em si a dimensão extrema do estranho oferece um indicativo de que, se estudarmos e compreendermos com maior profundidade a natureza e os vieses desse encontro, poderemos, também, perceber com mais clareza uma manifestação limítrofe desse estranho, ou do estranhamento provocado a partir dessa “descoberta”. Todorov alerta: “(...) O encontro nunca mais atingirá tal intensidade, se é que esta é a palavra adequada. O século XVI veria perpetrar-se o maior genocídio da história da humanidade. (...)” (Todorov, 2011, p. 7). E explica:

(...) Mas não é unicamente por ser um encontro extremo, e exemplar, que a descoberta da América é essencial para nós, hoje. Além deste valor paradigmático, ela possui outro, de causalidade direta. A história do globo é, claro, feita de conquistas e derrotas, de colonizações e descobertas dos outros; mas, como tentarei mostrar, **é a conquista da América que anuncia e funda nossa identidade presente.** Apesar de toda data que permite separar duas épocas ser arbitrária, nenhuma é mais indicada para marcar o início da era moderna do que o ano de 1492, ano em que Colombo atravessa o oceano Atlântico. Somos todos descendentes diretos de Colombo, é nele que começa nossa genealogia – se é que a palavra começo tem um sentido. Desde 1492 estamos (...) ‘neste tempo tão novo e a nenhum outro igual’ (...). A partir desta data, o mundo está fechado (apesar de o universo tornar-se infinito). O ‘mundo é pequeno’, declarará peremptoriamente o próprio Colombo (...). **os homens descobriram a totalidade de que fazem parte. Até então, formavam uma parte sem todo.** (...).

(Todorov, 2011, p. 7, grifos meus)



Nesses termos, uma questão que se propõe é identificar uma gênese para se pensar a perspectiva relacional entre quem seja o ‘eu’ e quem seja o ‘outro’. Além da dimensão simbólica dessa perspectiva desenvolvida por Todorov, o teórico apresenta uma dimensão política para essa distinção. Faz isso, por exemplo, ao datar historicamente um ponto de partida que dá indícios de uma inevitável alteração da mentalidade eurocêntrica (1492) e ao reproduzir a declaração de Colombo – ‘o mundo é pequeno’.

A pesquisa de Todorov é ampla e envolve o exame de uma série de documentos e relatos, tanto de nativos da nova terra quanto de europeus. A comunicação, os signos e os símbolos são parte do material analisado pelo teórico. Segundo ele, “(...) Os índios e os espanhóis praticam a comunicação de maneiras diferentes. Mas o discurso da diferença é um discurso difícil. (...)” (Todorov, 2011, p. 87). E é nesse aspecto que Todorov pondera que “(...) o postulado da diferença leva facilmente ao sentimento de superioridade, e o postulado da igualdade ao de indiferença, e é sempre difícil resistir a esse duplo movimento (...)” (Todorov, 2011, p. 87). Mas adverte: “(...) Diremos, desde já, que não há, evidentemente, nenhuma inferioridade ‘natural’ dos índios no plano linguístico ou simbólico (...)” (Todorov, 2011, p. 87).

O capítulo dedicado a pesquisar o ‘Conquistar’, desenvolvido por Todorov, é fértil para esta análise semiótica, uma vez que explora intensamente os aspectos relacionados à comunicação: “(...) A noção seria mais produtiva se fosse ampliada de modo a incluir, além da interação de indivíduo a indivíduo, a que existe entre a pessoa e seu grupo social, a pessoa e o mundo natural, a pessoa e o universo religioso. (...)” (Todorov, 2011, p. 96). Com essa afirmativa, Todorov defende que o encontro entre espanhóis e americanos propiciou uma ampliação das concepções desses grupos em relação à comunicação humana. Partindo da premissa de que há “(...) duas grandes formas de comunicação, uma entre os homens, e outra entre o homem e o mundo (...)” (Todorov, 2011, p. 95), o teórico se pergunta: “(...) Seria forçar o sentido da palavra ‘comunicação’ (...) constatar que os índios cultivam principalmente esta última, ao passo que os espanhóis cultivam principalmente a primeira? (...)” (Todorov, 2011, p. 95); é levado a considerar que “(...) Este modo particular de praticar a comunicação (que põe de lado a dimensão inter-humana e privilegia o contato com o mundo) é responsável pela imagem deformada que os índios terão dos espanhóis (...)” (Todorov, 2011, p. 105) e assim conclui: “(...) **A primeira reação, espontânea, em relação ao estrangeiro é imaginá-lo inferior, porque diferente de nós:** não chega nem a ser um

homem, e, se for homem, é um bárbaro inferior; se não fala a nossa língua, é porque não fala língua nenhuma, não sabe falar (...)” (Todorov, 2011, p. 106, grifo meu).

Desse modo, Todorov identifica mais um aspecto referente à sua semiótica do outro. A reação inicial, o encontro, a primeira impressão. De fato, esse instante é chave, do ponto de vista simbólico, no traçado de acepções possíveis para a “‘estrangeiridade’”. Afinal, é o início, o nascimento da relação que se estabelecerá entre o ‘outro’ e ‘eu’, em busca de uma identificação, o ponto em comum. Para Todorov, “(...) o outro deve ser descoberto. (...) Contudo, ainda que a descoberta do outro deva ser assumida por cada indivíduo e recomeça eternamente, ela também tem uma história, formas social e culturalmente determinadas. (...)” (Todorov, 2011, p. 360).

O ponto de partida – o encontro – é a nascente do fluxo de signos e descobertas que serão experimentados por ambas as partes. O que resulta desse contato são elos que compõem toda a questão da alteridade. Todorov fala em ‘diálogo das culturas’: “(...) um diálogo em que ninguém tem a última palavra, em que nenhuma das vozes reduz a outra ao *status* de um mero objeto, e no qual se tira vantagem de sua exterioridade ao outro (...)” (Todorov, 2011, p. 364). Sua reflexão leva-o a perceber que a “(...) afirmação da exterioridade do outro (...) vem junto com seu reconhecimento enquanto sujeito (...)” (Todorov, 2011, p. 365). E, seguindo seu raciocínio, chega uma possível caracterização de uma “(...) nova maneira de viver a alteridade (...)” em nossa época. Citando o filósofo francês Emmanuel Levinas, fala em uma época que é “(...) ação para um mundo que vem, superação de sua época – **superação de si que requer a epifania do Outro.**’ (...)” (Todorov, 2011, p. 365, grifo meu). Sua remissão à conquista da América também fortalece a tentativa de se clarear esses conceitos. Afinal, de acordo com o pesquisador,

(...) Ignorando a história, diz o ditado, corre-se o risco de repeti-la, mas conhecê-la não basta para sabermos o que é preciso fazer. Somos parecidos com os conquistadores e diferentes deles; seu exemplo é instrutivo, mas jamais teremos certeza de que *não* nos comportando como eles, não estamos, justamente, a imitá-los, adaptando-nos às novas circunstâncias. Mas a sua história pode ser exemplar para nós porque nos permite fazer uma auto-reflexão, descobrir as semelhanças e também as diferenças: **mais uma vez o conhecimento de si passa pelo conhecimento do outro.** (...).

(Todorov, 2011, p. 371, grifo meu)

É nessa perspectiva, portanto, de travessia entre o ‘eu’ e o ‘outro’ que Todorov propõe uma caracterização para o ‘exilado moderno’: “(...) o qual, por sua vez,

personifica uma tendência própria da nossa sociedade: **esse ser que perdeu sua pátria sem ganhar outra, que vive na dupla exterioridade.** (...)” (Todorov, 2011, p. 364, grifo meu).

## 1.2.) Estranhos, estrangeiros e o legado freudiano

Julia Kristeva, em **Estrangeiros para nós mesmo** (1994), oferece ao seu leitor um traçado histórico-diacrônico, em que observa a constituição da identidade do estrangeiro desde a perspectiva do mundo helenístico, passando pelo advento do cristianismo e o surgimento do nacionalismo, e chegando ao que, para a autora, configuraria uma comunidade paradoxal em surgimento, “(...) feita de estrangeiros que se aceitam na medida em que eles próprios se reconhecem estrangeiros. (...)”. (Kristeva, 1994, p. 205). Para a teórica, a individualidade evidente na sociedade contemporânea – ou multinacional, nos termos da escritora – não está desvinculada da autoconsciência do que lhe é frágil e limítrofe e, por esse motivo mesmo, “(...) reconhece na ajuda mútua as suas fraquezas, uma fraqueza cujo outro nome é a nossa estranheza radical (...)”. (Kristeva, 1994, p. 205).

Nessa perspectiva, procura recuperar e avaliar a gênese do pensamento que a humanidade desenvolve sobre a condição estrangeira, defendendo que a “(...) impossibilidade de dispor o universo sob uma mesma sociedade tornou os homens estranhos aos homens (...)” (Kristeva, 1994, p. 138); e lançando luz ao legado de diferentes áreas do conhecimento – a exemplo das acima mencionadas – para se pensar, perceber e representar esse estrangeiro – o outro que fascina, mas inquieta. É nesse contexto que se pode explorar o aspecto da estranheza, do exorbitante e do que se situa na categoria do “excêntrico” – no sentido mesmo do que foge ao centro.

Em seu ensaio, a autora defende que, a partir de **O estranho** (1925), de Freud, o psicanalista apresenta um componente – aflitivo – que está ele mesmo imerso na razão, não se restringindo aos aspectos da loucura, do belo ou da fé. Também não está esse elemento reduzido a questões de etnia ou raça. Seu argumento é que o estranho, para Freud, “(...) irriga o nosso próprio ser-de-palavra, estrangeirado por outras lógicas (...). A partir de agora, sabemos que somos estrangeiros de nós mesmos e a partir desse único apoio é que podemos tentar viver com os outros. (...)” (Kristeva, 1994, p. 177-178).

Assim se formará a noção da condição de estrangeiro para Freud. Partindo do reconhecimento desse aspecto na linguagem e na cultura, Kristeva ressalta que, com a

psicanálise, um sentido para essa condição “(...) se reencontrará no inconsciente freudiano (...)” (Kristeva, 1994, p. 189). A partir de então, explica, “(...) o estranho está em nós: somos nós próprios estrangeiros. (...)” (Kristeva, 1994, p. 190). A autora observa, entre outros aspectos, a vida pessoal de Freud, em seu momento de “judeu errante”, a qual, segundo ela, “(...) condiciona essa preocupação de enfrentar a inquietação do outro enquanto mal-estar a partir de uma permanência da ‘outra cena’ em nós. (...)” (Kristeva, 1994, p. 191). Sobre isso, esclarece: o “(...) meu mal-estar em viver com o outro (...) repousa numa lógica perturbada que regula esse feixe estranho de pulsão (...) que é o inconsciente, sempre já formado pelo outro. (...)” (Kristeva, 1994, 191).

Em **O estranho**, por exemplo, Freud constata que “(...) **o estranho seria sempre algo que não se sabe como abordar**. Quanto mais orientada a pessoa está, no seu ambiente, menos prontamente terá a impressão de algo estranho em relação aos objetos e eventos nesse ambiente. (...)” (Freud, 1925, p. 3, grifo meu) – e termina por oferecer relevante traço comparativo com a literatura. Para ele, o estranho na literatura é “(...) um ramo muito mais fértil do que o estranho na vida real (...)” (Freud, 1925, p. 22). Seu argumento é que o “(...) contraste entre o que foi reprimido e o que foi superado não pode ser transposto para o estranho em ficção sem modificações profundas; pois o reino da fantasia depende (...) do fato de que o seu conteúdo não se submete ao teste de realidade. (...)” (Freud, 1925, p. 22).

Com essa reflexão, muito se pode discutir sobre a representação literária do estranho, mesmo porque, como o próprio autor salienta, identificar o reprimido e o superado na ficção não é tarefa fácil, tendo em vista a impossibilidade de submetê-los ao ‘teste da realidade’. Uma hipótese que se apresenta a partir dessa premissa é se tal teste, em ficção, poderia ser análogo a um possível ‘teste de verossimilhança’. Na impossibilidade de uma resposta imediata e assertiva, é seu próprio texto que apresenta indícios que possibilitam instrumentalizar uma reflexão sobre essa hipótese. Freud considera E.T.A. Hoffmann, autor do texto fantástico *O conto de areia*, o “mestre incomparável do estranho na literatura”. Tendo em vista ser sua narrativa calcada na desprendida convivência entre seres humanos e seres autômatos, a hipótese apresentada parece ser contrariada e o autor, nessa condição, isenta-se do ‘teste da verossimilhança’. Nesse contexto, pode-se sugerir que daí advenha, de fato, a fertilidade do ramo literário de que fala Freud, em termos de terreno propício para uma identificação eficaz do que

seja de fato algo estranho. Nesses termos, se o escritor estiver isento da submissão a tal teste, o estranho pode tornar-se centro da cena literária.

Voltando, portanto, à concepção freudiana de que o estranho é algo que não se sabe como abordar, estabelece-se um novo ponto de vista para se pensar a respeito dos estrangeiros que permeiam a história literária. Ainda a partir de um dos exemplos de Kristeva, pensemos na estranheza existencialista e abjeta do Mersault de Camus – **O estrangeiro** (2011) –, que inaugura esteticamente a composição de um sujeito cujo comportamento passa a exigir nova mirada e autêntico tratamento estético-analítico. Para Kristeva, “(...) O grotesco dessa condição de estranho (...) não é estranho aos estrangeiros comuns. Mersault leva ao extremo a dissociação do desarraigado. (...)” (Kristeva, 1994, p. 35). Vale pontuar, logo no início da segunda parte do romance de Camus, a proeminência desse caráter estranho de Mersault, no sentido mesmo da inabilidade que se evidencia, no leitor, ao abordar e deparar-se com a apatia exacerbada e o absoluto esvaziamento interno e existencial do protagonista:

(...) o juiz levantou-se, então, como se quisesse me indicar que o interrogatório acabara. Perguntou-me apenas, com o mesmo ar um pouco cansado, se estava arrependido do meu ato. Meditei e disse que, mais do que verdadeiro arrependimento, sentia um certo tédio. Tive a impressão de que não me compreendia. Mas nesse dia as coisas não foram mais adiante. (...).

(Camus, 2011, p. 68)

Não é de admirar, outro exemplo – este não abordado pela teórica, mas cuja perspectiva pode ser aproximada –, o constrangimento com que a população de Itaguaí se vê às voltas, ao lidar com a ‘Casa Verde’ edificada pelo Dr. Simão Bacamarte, em **O alienista** (1882), de Machado de Assis. Trata-se de um texto literário em que o estranho se manifesta justamente a partir da dificuldade de se abordar algo que se apresenta, paradoxalmente, como inovador, utilitário e humanitário. Diz o novo morador da vila e ‘maior dos médicos do Brasil, de Portugal e das Espanhas’: “(...) O principal nesta minha obra da Casa Verde é estudar profundamente a loucura, (. . .)” (Assis, 1882, p. 6). O resultado que colhe é a rebelião e a reação da população daquela vila, num movimento especular, diante daquele que isolara, a seu próprio critério e juízo, todos a quem julgava estranhos e alienados. O porta-voz da comunidade é o vereador da cidade: “(...) — Nada tenho que ver com a ciência; mas, se tantos homens em quem supomos

são reclusos por dementes, quem nos afirma que o alienado não é o alienista? (...)” (Assis, 1882, p. 25).

Ainda na esteira da teoria freudiana, recorro a **Totem e tabu** (1950) para dar um passo em direção ao centro da selva amazônica hatoumiana, a uma só vez ilhada e cosmopolita. É nesse ensaio que Freud lida com o problema apresentado, sobretudo pela antropologia social, referente às marcas do desenvolvimento da civilização e sua relação com a repressão dos instintos. Proponho, então, a partir da reflexão sobre esse ensaio, que lancemos o olhar para o Manifesto Antropófago, de Oswald de Andrade, segundo quem, “(...) Só a ANTROPOFAGIA nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente. (...) Filhos do sol, mãe dos vivos. Encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados e pelos turistas. No país da cobra grande. (...)” (Teles, 1997, p. 353-354); para sugerir que o protesto oswaldiano reconhece, denuncia e faz sua crítica à apropriação cultural do “selvagem” pelo “civilizado”. Nos manifestos que inauguram seu projeto vanguardista, o modernista também se vale do ‘totem e tabu’ freudiano: “(...) As migrações. A fuga dos estados tediosos. Contra as escleroses urbanas. (...) A transfiguração do tabu em totem. Antropofagia (...)” (Teles, 1997, p. 357-358); e lança as bases de sua poética transgressora.

Realizo essa aproximação entre os textos freudianos – **O estranho** e **Totem e tabu** –, a fim de chamar a atenção para a condição “inabordável” atribuída aos seus dois objetos analisados – o estranho e o tabu. Explica Freud:

(...) ‘Tabu’ é um termo polinésio. (...) O significado de ‘tabu’, (...) diverge em dois sentidos contrários. (...) por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘impuro’. (...) Assim, **‘tabu’ traz em si um sentido de algo unabordável**, sendo principalmente expresso em proibições e restrições. Nossa acepção de ‘temor sagrado’ muitas vezes pode coincidir em significado com ‘tabu’. (...).

(Freud, 1950, p. 16, grifo meu).

O manifesto de Oswald de Andrade admite ser a antropofagia a possibilidade de encontro entre “filhos do sol” e “turistas” – ou “imigrados”. E aí se apresenta a questão: dialoga esse “imigrado” oswaldiano com o “homem que se apropria da cultura dos nativos” figurado por Hatoum? Tome-se aqui o exemplo do que faz Milton Hatoum – *a posteriori* – na figuração do personagem Julio Verne, no conto *A natureza ri da cultura*, de **A cidade ilhada**:

(...) Emilie não respondeu, mas meu avô disse que Verne era um viajante incansável, um andarilho que colecionava lendas e mitos da Amazônia. **Um homem que se apropriava da cultura dos nativos com a esperança de salvá-los.** (...)

(Hatoum, 2009, p. 100, grifo meu)

O pesquisador Carlos Gardin (1995), ao estudar a obra poética e teatral de Oswald de Andrade, apresenta uma análise a respeito da estética oswaldiana e sobre como sua obra influenciou a cultura brasileira ao associar o contexto artístico da época aos rituais canibais e antropofágicos primitivos, nos quais interessava apropriar-se do que não era “meu” (e era do “outro”) para assimilar o que pudesse ser digerido e descartar o inabordável (o estranho).

Nesses termos, o teórico esclarece o que seja estética e politicamente a antropofagia oswaldiana e propõe uma síntese sobre sua poética:

(...) A opção pela antropofagia como solução alternativa estética e ideológica. A moral tradicional parodiada. A paródia como procedimento básico. (...) Se a arte está modelada por padrões fixos, assim também está a vida, a sociedade. Questão de hábito. Oswald ataca, então, as estruturas que estabelecem esses padrões. Revela essas estruturas através do procedimento paródico. **Receita para a antropofagia pois que a paródia implica a existência de outro discurso a ser deglutido.** Apropria-se, então, deste outro discurso, demonstrando e estabelece um discurso paralelo: canto paródico. Neste processo, seu próprio texto se revela enquanto avesso. (...)

(Gardin, 1995, p. 47-49, grifo meu).

Essa associação entre totem, tabu, estranho e antropofagia nos conduz de volta ao estrangeiro de Hatoum – neste caso, o narrador de *A natureza ri da cultura* – e nos permite encontrar na leitura que ele realiza do texto de um dos estrangeiros conhecidos da matriarca Emilie, Felix Delatour, o questionamento:

(...) Viajar, pergunta o personagem de Delatour, **não é entregar-se ao ritual (ainda que simbólico) do canibalismo?** Todo viajante, mesmo o mais esclarecido, corre o risco de julgar o outro. Consciente ou não, intencional ou superficial, tal julgamento quase sempre deforma o rosto alheio, e esse rosto deformado espelha os horrores do estrangeiro. Nesse convívio com o estranho, o narrador privilegia o olhar: o desejo de possuir e ser possuído, a entrega e a rejeição, o temor de se perder no outro (...).

(Hatoum, 2009, p. 101, grifo meu).

Os traços em discussão conjugam-se e permeiam o pensamento desse narrador: o canibalismo, a viagem, o estranho, o movimento entre possuir e ser possuído – um conjunto de conceitos cuja ideia central termina por remeter à teoria freudiana do totem ao tabu, ou à sua releitura oswaldiana, com a transfiguração do tabu em totem. Como ressalta Carlos Gardin: “(...) Enfim, lá vai Oswald canibalizando. Da deglutição, seu teatro: antropofágico. (...)” (Gardin, 1995, p. 185). E nesse contexto Hatoum nos apresenta uma narrativa alinhada com a poética antropofágica, a exemplo da estética oswaldiana, que, segundo Carlos Gardin,

(...) coloca uns e outros lado a lado. Confronta-os. É exatamente isso que Oswald quer nos mostrar: há uma estrutura automatizada que nos é imposta, inclusive enquanto leitura estética que, necessariamente, não precisa ser a estrutura que nos há de dominar eternamente. Ele nos mostra que há outras possibilidades de ser e estar no mundo, que não há verdades modelizadas e absolutas nas quais inserem-se todos os homens. **Opera a destronização do discurso reinante, modelizador e automatizante e instaura o discurso polissêmico, polifônico, carnavalesco, de vozes distintas que se confundem num mesmo canto. (...)**

(Gardin, 1995, p. 47-49, grifo meu).

Freud, por outro lado, partiu de toda uma observação analítica dos mecanismos psíquicos da mente humana para explicar que, para os povos primitivos, o “(...) princípio foi o ato (...)” (Freud, 1950, 101). E, nesse caso, o ato psíquico, para o “selvagem”, substituiu o pensamento, a mente, a razão. Dessa forma, para o desenvolvimento do raciocínio psicanalítico, o impulso e o ato em si foram tidos como atividades elevadas, rebaixando, do ponto de vista dessa ciência, o homem civilizado, com seu potencial neurótico, resultante de seu impedimento de agir regido pelo impulso e pelo instinto – recalçados, inibidos. Foi, portanto, o aspecto “desinibido” do homem primitivo, segundo o autor, o responsável pela “(...) reação moral que criou o totemismo e o tabu (...)” (Freud, 1950, 101). Se não houvesse essa rejeição moral da civilização, defende o psicanalista, “(...) evitaríamos a necessidade de atribuir a origem de nosso legado cultural, de que com justiça nos orgulhamos, a um crime odioso, revoltante para todos os nossos sentimentos (...)”. (Freud, 1950, 101). Com essa reflexão, o que proponho é que o fundamento da teoria de Freud não se ausenta da composição do traçado figurativo e representativo dos estrangeiros de Hatoum, como ilustrado na observação desse estrangeiro simbólico-canibal de **A cidade ilhada**.

Dessa forma estabeleço um estreitamento da relação entre o legado freudiano e a construção de uma acepção particularizada para a noção de ““estrangeiridade””. Para



Kristeva, “(...) A psicanálise sente-se então como uma viagem na estraneidade do outro e de si mesma, em direção a uma ética do respeito pelo inconciliável. Como poderíamos tolerar um estrangeiro se não nos soubermos estrangeiros para nós mesmos? (...)” (Kristeva, 1994, p. 191). Nesses termos, apresenta-se uma indagação-síntese para a reflexão que ora se evidencia. Toda a percepção exterior que se pode ter de um indivíduo que se configura, para um interlocutor, como uma alteridade deve ser ponderada na medida em que esse outro – o interlocutor – identifica-se com a outra face dessa alteridade – seu duplo. Assim, reconhecem-se ambos estrangeiros para si mesmos, com a mútua imposição da ação tolerante.

O que está em risco nessa dinâmica é o que continua a explicar Julia Kristeva: “(...) Por outro lado, Freud nota que o ego arcaico, narcísico, ainda não delimitado pelo mundo exterior, projeta para fora dele o que sente em si mesmo como perigoso ou desagradável em si, para dele fazer um *duplo* estranho, (...) sobrenatural, demoníaco (...)” (Kristeva, 1994, p. 192-193). O que se segue é o fundamento do impacto do recalque na vida psíquica do indivíduo. O material recalcado que vem à tona é justamente o que o “ego arcaico projeta para fora dele”. E isso leva à percepção de que a estranheza pode assumir a condição do não familiar e do que, por não se saber como abordar, é lançado de volta para a dimensão inconsciente do sujeito – é recalcado. Nessa medida, o movimento, segundo a autora, é o seguinte:

(...) o aparelho psíquico recalca processos e conteúdos representativos que não são mais necessários ao prazer, à autopreservação e ao crescimento adaptativo do sujeito pensante e do organismo vivo. Entretanto, em certas condições, esse material recalcado, ‘que deveria ter permanecido escondido’, reaparece e provoca a sensação de sobrenatural (...).

(Kristeva, 1994, p. 193).

Aqui defendo que esse material que retorna para a esfera consciente – pós-recalque – e passa a ser encarado como sobrenatural, ou estranho, pode justificar e compor, ainda que não completamente, comportamentos, atitudes ou ideias “não familiares”, por exemplo, de alguns personagens estrangeiros de passagem pela cidade flutuante hatoumiana; e são responsáveis pelo distanciamento ou, para utilizar o termo mais apropriado aqui neste trabalho – o estranhamento, percebido pelo convívio com outros sujeitos não estrangeiros.

O que dizer, por exemplo, ainda nessa dimensão antropofágica e psicanalítica sobre a ““estrangeiridade””, do fotógrafo Gustav Dorner, personagem, ao mesmo tempo orbitante e nuclear do romance inaugural de Hatoum **Relato de um certo Oriente** (2008)? Cito o alemão amigo do marido da matriarca Emilie, estimado pela família protagonista e considerado, por uma das moradoras da cidade flutuante, “(...) generoso e douto, mas cheio de manias, pois colecionava tudo e se interessava por tudo (...)” (Hatoum, 2008, p. 36); entretanto, autoconsciente e autorreflexivo. Assim ele próprio se define:

(...) Nunca me perguntaram se eu era religioso, mas talvez condenassem secretamente este estrangeiro que vivia no mato entre os índios, que nunca entrara numa igreja, e no entanto podia rezar uma Ave-Maria em nhengatu. (...) A mania que cultivei aqui, de anotar o que ouvia, me permitiu encher alguns cadernos com transcrições da fala dos outros. (...).

(Hatoum, 2008, p. 62).

Não se trata esse ritual de um movimento semelhante ao do outro personagem simbólico-canibal de **A cidade ilhada**; aquele “que se apropriava da cultura dos nativos”? Gustavo Dorner era fotógrafo. Ali estava ele, naquela província selvagem, para registrar e absorver tudo o que via, observava e apreendia da vida na selva amazônica, de forma tal a conduzi-lo ao reconhecimento da dúvida: “(...) E nessa tentativa desesperada de compreender o outro, como compreender a si mesmo? (...)” (Hatoum, 2008, p. 60). Nesse caso, como compreender, não apenas o outro com quem está ali a conviver, mas como perceber sua própria alteridade recalcada? Essa conduta leva seu amigo Hakim a resumir a experiência do convívio de ambos nos seguintes termos:

(...) Aos que lhe perguntavam se realmente havia mudado de profissão, respondia: ‘Apenas alterei o rumo do olhar; antes, fixava um olho num fragmento do mundo exterior e acionava um botão. Agora é o olhar da reflexão que me interessa. Sei (e creio que todos aqui sabem) que ele passou a vida anotando suas impressões acerca da vida amazônica. O comportamento ético de seus habitantes e tudo o que diz respeito à identidade e ao convívio entre brancos, caboclos e índios eram seus temas prediletos (...).

(Hatoum, 2008, p. 74).

Assim reforço que se trata de outra ilustração que permite o diálogo com a dimensão psicanalítica de observação aqui proposta: a reflexão desse estrangeiro “simbólico-devorador” totêmico, absorvendo o que pudesse sobre a vida, os costumes e o antepassado daquele clã selvagem e amazônico, em busca do melhor ângulo de abordagem dessa cultura, para ele “outra” – como outro e estranho também é o tabu freudiano, assim como o conteúdo retornado ao inconsciente pelo recalque – todos ao mesmo tempo inabordáveis e perigosos, restritos e sagrados e, por isso mesmo, misteriosos e fascinantes.

Volto a pensar nesse caráter duplo do estranho e cito o conto *Bárbara no inverno*, para refletir sobre a condição do casal protagonista Lázaro e Bárbara, que, segundo informa o narrador, “(...) Viviam em Paris com o coração e o pensamento num canto do Rio (...)” (Hatoum, 2009, p. 77). Mencione-se ainda a condição particular de Lázaro: exilado político: “(...) havia sido preso no Brasil (...)” (Hatoum, 2009, p. 77). Com uma narrativa amarga e inquieta, além uma cena final vil e desesperada, esta décima trama pode ser um exemplo do impacto da estranha e dupla condição traçada pela natureza do exílio. O constante contraponto com o Rio de Janeiro não está dissociado da vivência na pátria estrangeira. É constituinte da experiência, fator integrado e, portanto, um dado estranho e duplo, na medida em que é o aspecto familiar – em oposição ao ambiente não familiar da terra do exílio – da experiência.

Em meio a uma situação dessa natureza, de acordo com Kristeva, há duas possibilidades: “(...) Inquietar-se ou sorrir, esta é a escolha quando o estranho nos assalta; ele depende de nossa familiaridade com os nossos próprios fantasmas (...)” (Kristeva, 1994, p. 200).

Julia Kristeva, ainda em seu percurso analítico – a partir da antiguidade grega –, recorre, também, ao pensamento europeu quinhentista, com as contribuições, por exemplo, do escritor e ensaísta francês Michel de Montaigne, para fundamentar seu raciocínio e chegar ao surgimento da psicanálise freudiana, já no alvorecer do século XX. Nesse resgate, alude à avaliação do filósofo francês, com relação ao encontro entre a civilização europeia e os nativos do Novo Mundo, para quem, desde aquele momento, aquelas “nações” selvagens estavam muito mais próximas das

(...) ‘leis naturais’, ‘muito pouco corrompidas pelas nossas’; ingênuos e simples – ‘uma feliz condição humana’ que lembra a idade de ouro e prefigura Rousseau –, **esses homens estrangeiros não conhecem ‘nenhum contrato’**. Eles são rústico, diferentes de nós, canibais em certas horas, contudo não

desprovidos de bom senso nesse rito e até mesmo de talento poético em seu folclore, infelizmente pouco se inclinam à conversa. Montaigne não se furta de observá-los, mas hesita em declará-los ‘bárbaros’: Podemos mesmo, portanto, chamá-los de bárbaros, considerando as regras da razão, mas não em relação a nós, que os ultrapassamos em toda espécie de barbárie (...).

(Kristeva, 1994, p. 127, grifo meu).

O que fica em evidência, de acordo com a autora, é que uma acepção atualizada da ““estrangeiridade”” não se limita ao conhecimento, ou não, por parte desse sujeito contemporâneo, de algum “contrato”. Afinal, conclui Julia Kristeva,

(...) Impõe-se uma evolução das mentalidades para favorecer a melhor harmonia de uma tal polivalência. (...) pela primeira vez na história, somos levados a viver com seres diferentes, apostando em nossos códigos morais pessoais, sem que nenhum conjunto que englobe as nossas particularidades possa transcendê-los (...).

(Kristeva, 1994, p. 204-205).

Por meio da contribuição dos estudos psicanalíticos, observa-se que a barbárie e a estranheza não mais se situam unicamente fora do sujeito, na medida em que o homem toma consciência de seus mecanismos de transferência daquilo que seja material inconsciente, não familiar e inabordável para um “outro” estranho e selvagem, e passa a perceber o que lhe parece estranho a partir de uma dimensão mais individual, integrada e particular, ou seja, menos projetiva. Assim, volto à intenção deste trabalho – a de particularizar a acepção hatoumiana dessa ““estrangeiridade”” – e passo ao tópico seguinte, em que serão consideradas dimensões políticas, sociais e culturais relacionadas a esse conceito.

### **1.3.) As Ciências Sociais e a dimensão política**

O que pretendo neste tópico, primeiramente, é relacionar o estudo sobre o tratamento literário conferido ao estrangeiro ao estudo do impacto que a experiência da desterritorialização provoca nesse sujeito. Deparamo-nos, aqui, com este termo – desterritorialização – já com efetiva aplicabilidade no campo das pesquisas relacionadas a deslocamento, imigração e literatura – mas que ainda exige uso cauteloso e definição clara sobre a perspectiva de abordagem. Nesse contexto, concebe-se, neste trabalho, a desterritorialização como categoria histórico-sociológica, detalhadamente investigada,

entre outros, nos estudos de Rogério Haesbaert (2011), segundo quem se pode versar sobre o fenômeno a partir de prismas distintos, porém complementares, a exemplo dos vieses econômico, político, cultural, ou ainda – com destacável relevância para esta pesquisa, como explorado no tópico anterior – de seu aspecto simbólico.

Isso porque, para o próprio autor, “(...) o movimento dos homens sobre a Terra é um movimento de avanços e recuos, contrações e expansões. (...)”. (Haesbaert, 2011, p. 64). Para ele, a desterritorialização “(...) está ligada à hibridização cultural que impede o reconhecimento de identidades claramente definidas – o território aqui é, antes de tudo, um território simbólico, ou um **espaço de referência para a construção de identidades** (...)” (Haesbaert, 2011, p. 35, grifo meu); e está atrelada, portanto, à noção de identidade: “(...) só depois entendi que a língua, e não a nacionalidade nos define (...)” (Hatoum, 2009, p. 16); assim é que se dá a percepção do narrador do conto *Uma estrangeira da nossa rua*, em **A cidade ilhada**. Além dessa atuação, também o narrador de *A casa ilhada* conclui que “(...) a carta de Lavedan ainda é, para mim, tão misteriosa como a identidade do estrangeiro. (...)” (Hatoum, 2009, p. 75).

Neste ponto, chamo a atenção, também, para o trabalho do teórico Stuart Hall (2006) – referência nos estudos relacionados à identidade, sobretudo ao impacto que a pós-modernidade – nos termos do próprio autor – provoca na dinâmica de constituição e representação do sujeito contemporâneo. Para o autor, a “(...) questão da identidade está sendo extensamente discutida na teoria social. Em essência, o argumento é o seguinte: as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. (...)” (Hall, 2006, p. 7). É assim, portanto, que Hall apresenta esse novo conjunto de termos e entra em contato com o cenário atual e influenciado pelo efeito da globalização e da decorrente transculturalidade.

Os termos do teórico: indivíduo fragmentado, sujeito unificado, velha identidade, entre outros, fazem parte de um acervo semântico com que lida qualquer estudioso interessado em aspectos da cultura moderna. Hall defende que há uma mudança na atualidade. Segundo ele, trata-se de um processo amplo e abrangente, cujo efeito se materializa numa efetiva “crise de identidade”, que “(...) está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social. (...)”. (Hall, 2006, p. 7).

Para o geógrafo Rogério Haesbaert, essa desestabilização da identidade indica que uma “(...) união sintética de distância e presença, do estrangeiro e do íntimo, torna-se concebível e praticável (...)” (Haesbaert, 2001, p. 168). Segundo afirma, trata-se, entre outros aspectos, de “(...) uma experiência de contato com o outro, o estrangeiro, este ‘distante próximo’ praticamente a cada esquina das grandes cidades (...)” (Haesbaert, 2011, p. 169). Com isso, pergunta-se: essa “distância próxima” de que fala Haesbaert está presente como dado característico da figuração que Hatoum faz de seu estrangeiro? Trata-se de uma indagação cuja resposta, ainda que não haja apenas uma, definitiva, passa pela questão de quem seja, como vimos no tópico anterior, o ‘eu’ e o ‘outro’. Só assim é que se pode saber se há distância, proximidade, ou distância próxima entre um e outro. Sabe-se que se pode pensar sobre essas noções em termos simbólicos (abstratos); políticos, sociais, culturais (concretos); ou de forma geral. Aqui, são dimensões mais concretas que estão em destaque. Primeiramente, pretendo examinar com mais clareza as demarcações que envolvem o sujeito e o território. Haesbaert, portanto, discorre a respeito da ‘amplitude do conceito de território’:

(...) Apesar de ser um conceito central para a Geografia, território e territorialidade, por dizerem respeito à espacialidade humana, têm uma certa tradição também em outras áreas, cada uma com enfoque centrado em uma determinada perspectiva. Enquanto o geógrafo tende a enfatizar a materialidade do território, em suas múltiplas dimensões (que deve[ria] incluir a interação sociedade-natureza), a Ciência Política enfatiza sua construção a partir de relações de poder (na maioria das vezes, ligada à concepção de Estado); a Economia, que prefere a noção de espaço à de território, percebe-o muitas vezes como um fator locacional ou como uma das bases da produção (enquanto ‘força produtiva’; a Antropologia destaca sua dimensão simbólica, principalmente no estudo das sociedades ditas tradicionais (mas também no tratamento do ‘neotribalismo’ contemporâneo); a Sociologia o enfoca a partir de sua intervenção nas relações sociais, em sentido amplo, e a Psicologia, finalmente, incorpora-o no debate sobre a construção da subjetividade ou da identidade pessoal, ampliando-o até a escala do indivíduo. (...).

(Haesbaert, 2001, p. 37).

Percebe-se, com essa classificação, que a Psicologia e, de forma fronteira, a Geografia e a Antropologia estão mais inclinadas para os aspectos abstratos; ao passo que a Ciência Política, a Economia e a Sociologia oferecem noções mais concretas sobre as relações entre sujeito e território. É mais provável que o estrangeiro distante próximo de que fala Haesbaert seja mesmo o sujeito político, estrangeirado pelas relações de poder ligadas à concepção de Estado. É importante, neste ponto, esclarecer que os tipos figurados nos contos de Milton Hatoum, e outros também presentes em

alguns de seus romances, parecem ser justamente esses estrangeiros políticos, distantes próximos; os sujeitos emigrados de que fala Oswald de Andrade, no país da cobra grande.

O antropólogo argentino Néstor Garcia Canclini (2008), por exemplo, reconhece a existência de uma crise da modernidade e discorre a respeito da noção de “hibridação cultural”. Seu enfoque é transdisciplinar e sua teoria abrange a atualidade do cenário latino-americano, passando pelo tratamento do presente sobre o passado, ao procurar identificar quem é o artista contemporâneo, seu ponto de vista, além de registrar a condição do que é popular e o que é popularidade – em sua dimensão fronteiriça com o erudito e o institucional – para justificar e anunciar a condição social e geracional de sua noção de “culturas híbridas”. Assim ele argumenta: “(...) pretendo ocupar-me de três processos fundamentais para explicar a hibridação, a quebra e a mescla das coleções organizadas pelos sistemas culturais, a desterritorialização dos processos simbólicos e a expansão dos gêneros impuros (...)” (Canclini, 2008, p. 284). Desse modo se identifica, como se vê, a harmonia de sua teoria com o objeto de estudo aqui proposto. Canclini, em termos gerais, procura explicar a hibridação a partir do enfoque sobre a cultura, a expansão e a sociedade urbanas. Para o autor,

(...) a desarticulação do urbano põe em dúvida que os sistemas culturais encontrem sua chave nas relações da população com certo tipo de *território* e de história que prefigurariam em um sentido peculiar os comportamentos de cada grupo. (...).

(Canclini, 2008, p. 302).

Aqui Canclini parece se comunicar com Haesbaert, mas, sobretudo, oferece subsídio para pensarmos sobre a cidade ilhada de Hatoum. Falo da própria Manaus, presente já em seu primeiro romance, de 1989 – e ilustrada pelo autor para além de sua dimensão provinciana. *Dois poetas da província* é o título do quinto conto de sua última publicação. O encanto da capital amazônica tem lugar na seleção lexical utilizada ao ser descrita; característica essa não peculiar apenas desta narrativa, mas pulverizada em toda a obra do escritor. O imaginário que a circunda, de modo geral, está relacionado a mistério, desconhecimento, desejo, labirinto; e, paradoxo: são os estrangeiros que por ali transitam, principalmente, que a ela conferem esses atributos.

No conto *Manaus, Bombaim, Palo Alto*, o indiano Sharma reconhece: “(...) Para mim, a Amazônia é o mapa de um labirinto infinito. Amanhã vou entrar nesse labirinto

(..)” (Hatoum, 2009, p. 55). Em *A natureza ri da cultura*, é Felix Delatour que deixa a Bretanha, pois “(...) seu desejo era partir em busca do desconhecido (...)” (Hatoum, 2009, p. 97). E ali ele estava: na cidade ilhada. Por outro lado, ainda caracterizando esse espaço urbano ficcionalizado por Milton Hatoum, os nativos da cidade flutuante parecem atribuir o encanto, o mistério e o desejo justamente a um espaço e um tempo dali longínquos. Zéfiro, um dos poetas da província de seu quinto conto,

(...) Desprezava com altivez e sem rancor o governo militar, a cachaça, o sol da tarde e a floresta; regozijava-se de nunca ter entrado num barco ou numa canoa, e ignorava a existência da outra margem do rio Negro. **Mas a paixão dele por Paris era pública, e não poucas vezes patética** (...).

(Hatoum, 2009, 37, grifo meu).

Esse cenário é exemplo do cosmopolitismo latente em seus contos. Em termos gerais, observa-se, nessas narrativas, que, à semelhança do olhar do estrangeiro para a terra do exílio, também o homem nativo projeta para a terra estrangeira a dimensão do encanto e do fascínio.

Nesse contexto, o autor remete o leitor a seus pares intelectuais; uma vez que, ao explorar a duplicidade do homem exilado moderno, dialoga justamente com o aspecto da atualidade que se relaciona com a crise da modernidade de que fala Hall; ou ainda com a hibridação cultural sinalizada por Canclini. Para além da nomenclatura, todos falam do mesmo ambiente sociocultural em que habita esse estrangeiro duplo, estranho e polifônico.

A proposta de Stuart Hall é que o caráter “pós” atribuído ao contexto atual, caracterizado como a pós-modernidade, é estendido ao sujeito que a vivencia – o indivíduo moderno. E argumenta que é pós porque posterior a “(...) qualquer concepção essencialista ou fixa de identidade – algo que, desde o Iluminismo, se supõe definir o próprio núcleo ou essência de nosso ser e fundamentar nossa existência como sujeitos humanos (...)” (Hall, 2006, p. 10). A rigor, é a partir do parâmetro da mentalidade do homem iluminista que o raciocínio de Hall, sobre a identidade – ou a crise dela – se desenvolve. Segue-se a essa constatação a curiosidade de se perceber o que mudou a partir daí e o que levou à noção de fragmentação do indivíduo moderno.

Para isso, apoio-me aqui em três concepções identitárias, figuradas por Hall e tidas por ele próprio como simplificações, mas que são, ainda de acordo com o autor, responsáveis por oferecer os pilares conceituais a partir dos quais seu aporte teórico é



elaborado: o sujeito do Iluminismo, o sujeito sociológico e o sujeito pós-moderno. Em essência, assim se distinguem: o homem iluminista é um indivíduo centrado, unificado, racional, consciente de suas ações e “(...) usualmente descrito como masculino (...)” (Hall, 2006, p. 11). Da transformação da sociedade, esgota-se o potencial autocentrado desse sujeito e nasce o sujeito sociológico, reflexo, segundo Hall, da “(...) crescente complexidade do mundo moderno (...)” (Hall, 2006, p. 11), cuja identidade se forma levando em consideração a atitude interativa e social. É na relação com o outro que são mediados, agora, os “(...) valores, sentidos e símbolos – a cultura (...)” (Hall, 2006, p. 11) do homem moderno. Nesses termos, explica o autor, a identidade “(...) costura (...) o sujeito à estrutura (...)” (Hall, 2006, p. 12).

Partindo desse descentramento em processo é que Hall chega à concepção de quem é esse indivíduo pós-moderno e nos apresenta seu argumento referente ao aspecto fragmentário da identidade desse sujeito: o “(...) sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado; **composto não de uma única, mas de várias identidades** (...)”. (Hall, 2006, p. 12, grifo meu). Nesse sentido, argumenta que esse fracionamento tem a ver com rupturas e alterações no âmbito das estruturas e das instituições sociais. Assim é que esse colapso cultural se torna causa da transformação no processo de autoidentificação e autoconcepção do indivíduo, afetando justamente o “(...) próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais (...)” (Hall, 2006, p. 12).

Com isso, quero ressaltar que pensar sobre esse movimento de identificação e projeção é um dos aspectos que nos auxiliará a observar o estrangeiro hatoumiano. O que proponho é que, em algumas figurações que o escritor desenvolve, esse personagem experimenta o colapso da identidade típico do sujeito moderno; no entanto, nesse processo projetivo de que fala Hall, o cenário amazônico, em sua dimensão misteriosa, labiríntica e idílica, parece configurar um ambiente que termina por ser o alvo da transferência, em alguma medida, de um ou outro aspecto individual, fragmentado e vazio, e parece devolver a esse personagem, ainda que minimamente, alguma estabilidade afetiva e confortadora. Nesse caso, defendo que Hatoum tipifica um estrangeiro menos *outsider* e mais inteiro em uma possível busca reparadora dessa ruptura interna.

Como ilustração, penso no conto *Um oriental na vastidão*. O que dizer do fascínio e do desejo categórico do protagonista de que suas cinzas fossem espalhadas pelo rio Negro? Em que medida o cenário da selva amazônica não seria, para aquele

estrangeiro, espaço de conforto e redenção? A questão está colocada, no sentido de que existe aí um componente projetivo de sua identidade com aquela floresta, para ele tão longínqua. Assim se traduzem seus ideogramas: “(...) No lugar desconhecido habita o desejo (...)” (Hatoum, 2009, p. 30). E, ao ser indagado sobre um possível descanso em sua travessia pelo complexo fluvial, não hesitou:

(...) Recusou, balançando a cabeça e sorrindo. E então revelou um sonho antigo, desde a infância: viajar pelo rio Negro. Sua profissão levava-o a terras distantes e, em cada rio que navegava na África e na Ásia, aumentava o desejo de conhecer o maior afluente do Amazonas. Não tinha tempo para uma longa viagem. E acrescentou: tempo de vida. Quer dizer que tinha vindo de tão longe só para dar um passeio pelo rio Negro? **Mas isso é tudo, resumiu Kirokawa.** (...).

(Hatoum, 2009, p. 30-31, grifo meu).

Realizadas essas reflexões a partir de distintas dimensões de análise a respeito da “estrangeiridade”, extraídas das contribuições que variados campos do conhecimento oferecem, passo ao segundo capítulo, em que pretendo me voltar aos contos de Milton Hatoum para melhor conhecer esses estrangeiros por ele figurados.

## II – Estrangeiros na cidadeilhada

Neste capítulo, apresento, inicialmente, algumas indagações, com o objetivo de delinear o viés analítico aqui proposto: como se dá a figuração do estrangeiro nos contos de Milton Hatoum? Há uma singularidade nessa tipificação? Enfim, como o autor particulariza uma possível acepção para a “estrangeiridade”? Pretendo, primordialmente, perceber a gênese da construção e da caracterização desse estrangeiro hatoumiano. Quem é esse “(...) homem que se apropria da cultura dos nativos com a esperança de salvá-los (...)” (Hatoum, 2009, p. 100)? Pode-se atribuir essa caracterização à totalidade dos estrangeiros que perpassam sua obra?

**A cidadeilhada**, conforme ressaltado na Introdução, é uma coletânea que reúne 14 contos. Trata-se do primeiro livro de contos do autor. Milton Hatoum publicou,

anteriormente, o romance **Relato de um certo Oriente** (1989), seguido de **Dois Irmãos** (2000) e **Cinzas do Norte** (2005), e, por último, **Órfãos do Eldorado** (2008).

Com isso, destaco um processo que vem sendo recorrente e parece constituir dado da contemporaneidade literária – a atualização do conto entre os gêneros literários canônicos. O conto possui suas particularidades. Trata-se, como se sabe, de uma forma literária condensada. O crítico argentino Ricardo Piglia propõe uma classificação dos contistas a partir de suas peculiaridades no tratamento do que considera a história 1 (relato visível) e a história 2 (relato secreto). Segundo o autor, “(...) O conto clássico à Poe contava uma história anunciando que havia outra; o conto moderno conta duas histórias como se fossem uma só. (...) A teoria do iceberg de Hemingway é a primeira síntese desse processo de transformação: o mais importante nunca se conta. (...)” (Piglia, 2004, p. 91). Para Piglia,

(...) O conto é um relato que encerra um relato secreto. Não se trata de um sentido oculto que dependa de interpretação: o enigma não é outra coisa senão uma história contada de um modo enigmático. A estratégia do relato é posta a serviço dessa narração cifrada. Como contar uma história enquanto se conta outra? Essa pergunta sintetiza os problemas técnicos do conto (...)  
(Piglia, 2004, p. 91)

Manaus – a cidade ilhada – permeia o imaginário que alicerça a construção da maior parte de suas narrativas. Configuraria, nesse sentido, a história “contada de modo enigmático, a serviço da narração cifrada” de que fala Ricardo Piglia. Como ilustração, retorno ao conto *A natureza ri da cultura*. São relatos memorialísticos do neto de Emilie – matriarca de uma família de ascendência árabe-libanesa – em Manaus, por meio dos quais a narradora-protagonista relembra suas relações com amigos estrangeiros de Emilie, frequentadores do pátio da casa da família atuando, cada um à sua maneira, com o aprendizado e o ensino de línguas estrangeiras. Esse é o enredo do conto.

Já o conteúdo subjacente que se extrai dessa história envolve sugestões da narradora a serviço, nos termos de Ricardo Piglia, de uma narração cifrada e estratégica, encerrando, em si, o sentido mesmo do conto. É a perspectiva que direciona, por exemplo, a teoria de Cortázar sobre o gênero. O autor compara o conto e a fotografia para desenvolver seu argumento. De acordo com o escritor,

(...) o fotógrafo ou o contista sentem necessidade de escolher e limitar uma imagem ou um acontecimento que sejam *significativos*, que não só valham por

si mesmos, mas também sejam capazes de atuar no espectador ou no leitor como uma espécie de *abertura*, de fermento que projete a inteligência e a sensibilidade em direção a algo que vai muito além do argumento visual ou literário contido na foto ou no conto. (...).

(Cortázar, 2008, p. 151, 152).

Eis, portanto, o desafio do contista: construção de sentido. Aí incluem-se a realização de descrições físicas dos personagens; a exploração de relatos relacionados à construção de suas identidades: “(...) Um deles era Armand Verne: ‘um homem muito imaginoso, com trejeitos de dândi e que já morou em Lisboa, Luanda e Macau antes de chegar a Manaus’ (...)” (Hatoum, 2009, p. 96); além de elaborações sobre as experiências narradas, entre outros aspectos geradores de sentido.

Entre os 14 contos da primeira coletânea de Hatoum, a Amazônia é a imagem central que recebe a influência de espaços diversificados do planeta, por meio do legado de estrangeiros de variadas etnias e nacionalidades, deixado nos rastros de seus deslocamentos, que incluem a passagem ou mesmo a estadia fixa em Manaus. É essa atmosférica “babélica” de convivência entre personagens estrangeiros, nativos, imigrantes e exilados que Milton Hatoum constrói suas imagens e descreve os acontecimentos significativos, responsáveis pela eficácia literária de seus contos. Interessante é observar que as conexões com a cidade ilhada também não se perdem. É um elo que permanece na ideia de trânsito, configurando uma constante significativa que permeia as narrativas da coletânea.

### **1) Estrangeiros de Hatoum**

Dando sequência ao traçado sobre o estrangeiro na obra de Milton Hatoum, estreito, neste tópico, o ângulo de análise e parto para seu primeiro conto – *Varandas da Eva*. Nesta primeira narrativa, o narrador já indica a presença, na cidade ilhada, de uma estrangeira. Sem identificação expressa, é moradora de um bairro vizinho. Inicia-se neste conto apenas sugestão, menção, ainda sem abordagem mais elaborada, do tema relacionado ao convívio entre personagens de outras nacionalidades.

Mas essa especulação não se situa no nível da história central. É um relato marginal, de caráter meramente alusivo. A estrangeira está lá e o fato é chamado à luz: “(...) Gerinelson (...) nos surpreendia em pleno domingo guiando uma lambreta velha, roubada do irmão. Na garupa, uma moça desconhecida, de outro bairro. **Ou**

**estrangeira.** (...)” (Hatoum, 2009, p. 8, grifo meu). Parece ser um prelúdio ou dado indicativo dos tipos que se poderá encontrar nas narrativas que se seguem a esse conto inaugural – uma sugestão temática. E esse é um ponto relevante para se pensar sobre a acepção que Milton Hatoum realiza, nesta obra, sobre o tema da ““estrangeiridade””. Parte-se, portanto, da seleção de um ou mais pontos de vista sobre a matéria. Segundo Julio Cortázar, pensar sobre aspectos do conto impõe que se atente para a “questão do ângulo do contista”. Para ele,

(...) Um contista é um homem que de repente, rodeado pela imensa algaravia do mundo, comprometido em maior ou menor grau com a realidade histórica que o contém, escolhe um determinado tema e faz com ele um conto. Esta escolha do tema não é tão simples. Às vezes o contista escolhe, e outras vezes como se o tema se lhe impusesse irresistivelmente, o impelisse a escrevê-lo. (...) Há tema, repito, e esse tema vai se tornar conto. Antes que isto ocorra, que podemos dizer do tema em si? Por que este tema e não outro? Que razões levam, consciente ou inconscientemente, o contista a escolher um determinado tema? (...).

(Cortázar, 2008, p. 153, 154).

*Uma estrangeira da nossa rua* é o segundo conto de **A cidade ilhada**. Nele, o narrador já nos apresenta, no primeiro parágrafo, uma família estrangeira, não mais uma referência dispersa a uma vizinha de outro bairro. É identificada. A família Doherty, sobre quem ele, inicialmente, procura obter informações a respeito do paradeiro atual. “(...) Para onde foram? E quem pode saber? Aquela família vivia em outro mundo. (...)” (Hatoum, 2009, p. 15). Adiante, a primeira alusão sobre sua origem: “(...) o engenheiro Doherty. Diziam que era inglês ou irlandês (...)” (Hatoum, 2009, p. 16).

Observa-se nos relatos do narrador o despertar da curiosidade e da busca por sentidos na inserção dessa família ali, naquele núcleo do universo amazônico. Trata-se de conteúdo próprio de uma história submersa no enredo central, contada, talvez, “de um modo enigmático”. Reflexões relacionadas ao próprio tema da ““estrangeiridade”” contribuem para a construção de sentido deste conto. Nele, o narrador explicita de forma mais contundente a curiosidade, o estranhamento e as fantasias relativas a essa presença “outra” em sua cidade natal. “(...) Os Doherty nunca importunavam ninguém, eram afáveis e muito discretos. Tanta discrição era insuportável, e me irritava. (...)” (Hatoum, 2009, p. 17).

Interessante é verificar que esse olhar mais apurado para a questão apresenta-se em um contexto de regresso. O narrador está de volta a Manaus. Esse pode ser um dado

compositivo da própria curiosidade que ele revela. Dado relevante, também, para a construção de sentido deste conto é a influência da memória como aspecto gerador de sentido. A memória faz parte do conjunto de artifícios associados ao campo da imaginação de que se vale o escritor em seu processo criativo. No conto em análise, observa-se que as recordações relacionadas a uma paixão que o narrador desenvolvera, na infância, por uma das filhas do engenheiro estrangeiro constituem o fio condutor do enredo central da narrativa. É a perspectiva principal. Paralelamente e subjacente a tais lembranças, o narrador nos apresenta uma ou outra ponderação sobre a percepção que o narrador possui daquela presença estrangeira na Amazônia.

*Uma carta de Bancroft* é o terceiro conto do livro. Nele, estrangeiros e espaços diversificados são representados. O título já sinaliza as vias de elaboração da matéria narrada. É um conto com personagens errantes, que envolve avanços e recuos; talvez o mais cosmopolita entre os demais, lançando mão, inclusive, de conteúdos oníricos, que contribuem para construí-lo significativamente. O conto inicia-se com a interação entre o narrador e Tse Ling Roots, um personagem sinoamericano, descendente de chineses que constituíram mão de obra migrante nas minas e ferrovias da Califórnia, o qual narra as experiências que o levaram à construção da pequena China de San Francisco.

O segundo estrangeiro apresentado pelo narrador é o próprio diretor da Biblioteca de Bancroft – o americano Charles Faulhaber. E há ainda um personagem onírico no conto, também estrangeiro; é o francês de nome Gobineau. “(...) O francês tenta convencer Euclides de que as terras incultas da América só são viáveis com a colonização européia. (...)” (Hatoum, 2009, p. 26).

Há um ensaio escrito por Milton Hatoum para a revista **Teresa** (2000) que é um material cujo conteúdo tem estreita ligação com a temática deste conto. O título é “A dois passos do deserto: visões urbanas de Euclides na Amazônia”. Nele, Hatoum fala sobre percepções do escritor sobre essa região do país, a partir de cartas escritas pelo autor de **Os Sertões** e enviadas a amigos e parentes. Nessa triagem, revela-se para o leitor, de acordo com o escritor manauara, um Euclides com uma inquietude interior latente e um encantamento evidente em relação às terras que circundam a capital paraense. Observa Hatoum: “(...) Há, nessa inquietude interior, um desejo de evasão de si mesmo, de ‘liberdade de ser ou fazer-se diverso’, de atração pela aventura e pelo risco, e ainda um forte desejo de conhecimento do *outro* (...)” (Hatoum, 2000, p. 185).

Mais acima menciono que se trata de um conto com personagens errantes. Tal comentário tem a ver com as distâncias representadas – a Chinatown de São Francisco,

a Biblioteca de Bancroft e a Amazônia brasileira – e também com as dimensões de representação desses personagens. Euclides aparece em sonho para o narrador. É um traço que demonstra a intelectualidade do personagem. Chamo a atenção para este aspecto para aproximar o protagonista deste conto de outros presentes em outras narrativas desta coletânea, os quais apresentam características semelhantes, a exemplo do tipo de mobilidade que realizam. São sujeitos que não se fixam, possuem alta escolaridade, são eruditos, agregam outros sentidos para a “estrangeiridade” na literatura brasileira, além de apresentarem, a exemplo da observação de Hatoum, uma conduta aventureira e o “forte desejo de conhecimento do outro”.

Neste ponto da coletânea, já se evidencia a presença constante de estrangeiros na cidade ilhada de Hatoum. O título do quarto conto descreve tal encontro: *Um oriental na vastidão*. As primeiras linhas apontam para a presença de outro estrangeiro na Amazônia: “(...) o homem identificou-se: cônsul do Japão em Manaus. (...)” (Hatoum, 2009, p. 29). Kazuki Kurokawa representa a etnia japonesa; e a história que se desenvolve em torno de sua visita ao Brasil – no caso, a história central, ou o relato visível de que fala Piglia – possibilita o aprofundamento das ponderações que os personagens realizam, no âmbito de um relato secreto ou subjacente ao enredo, referentes às questões derivadas do problema da imigração e dos sentimentos decorrentes de uma percepção particular da “estrangeiridade”.

A visita de Kurokawa ao Brasil, narrada inicialmente, é mais permeada de silêncio do que de qualquer outra forma de manifestação ou comunicação com seus interlocutores. Por isso mesmo, mais sugere do que define; e oferece pistas que possibilitam reflexões mais aprofundadas de suas vivências e relações com a vastidão amazônica. Suas últimas linhas é que oferecem, talvez, as pistas que vinculam uma história contada dentro de outra história e propiciam uma “abertura significativa” do próprio conto, nos termos das contribuições de Cortázar: “(...) Depois, diante da vastidão, recordei a tradução dos ideogramas e indaguei calada a razão misteriosa das cinzas do cientista no fundo do rio Negro. (...)” (Hatoum, 2009, p. 35). Sobre esses elementos de vinculação entre os relatos intrincados do conto, Ricardo Piglia defende, ainda, que

(...) Cada uma das duas histórias é contada de modo distinto. Trabalhar com duas histórias quer dizer trabalhar com dois sistemas diferentes de causalidade. Os mesmos acontecimentos entram simultaneamente em duas lógicas narrativas antagônicas. Os elementos essenciais de um conto têm dupla função

e são empregados de maneira diferente em cada uma das duas histórias. **Os pontos de interseção são o fundamento da construção (...).**  
(Piglia, 2004, p. 90, grifo meu).

Em seguida, Hatoum nos apresenta o conto *Dois poetas da província*, já mencionado no primeiro capítulo. Trata-se de outro enredo abrigo relatos secretos que envolvem sonhos, fantasias, memórias de personagens que concebem suas experiências de vida no contexto de suas relações com a literatura e a paixão por terra estrangeira – no caso, a França. São eles: Albano – jovem poeta, cheio de vigor – e Zéfiro, prestigiado professor de Albano, que se julgava imortal, tendo dedicado uma vida ao ensino do francês e à sua já evidenciada pública paixão por Paris. O encontro retratado pela história central do conto passa-se em Manaus – a província ilhada que dá título a esta, que é a quinta narrativa da obra.

Trata-se de uma tarde de diálogo envolvendo recordações, história, política, literatura e revelações confidenciais sobre uma vida de sonhos atropelados por uma realidade áspera e castradora. Conto que abriga em sua estrutura implícita conteúdo filosófico nostálgico e saudosista. “(...) Sabes de uma coisa, Albain? Um jovem encara a velhice como se fosse uma pura abstração. E eu vejo a juventude como uma quimera... Um tempo quase fora do tempo. (...)” (Hatoum, 2009, p. 42). *O adeus do comandante* é o sexto conto e não apresenta estrangeiros ou imigrantes; é uma narrativa com enfoque direcionado exclusivamente a questões da província amazônica.

Segue-se a ele o conto *Manaus, Bombaim, Palo Alto*. O próprio título já sugere os deslocamentos e percursos que nele serão traçados. Enredo com traços autobiográficos, conduz-nos a conhecer a história do encontro do narrador com um jornalista que se passa por almirante indiano em visita a Manaus. Também com caráter metaliterário, a história central do conto é possibilidade de discussões sobre literatura e história indianas. Outra estrangeira da narrativa é Roshni, “(...) a indiana que eu havia conhecido no campus de Stanford (...)” (Hatoum, 2009, p. 59).

*Dois tempos*, o oitavo conto, registra experiências de um narrador que parece permear outros contos de Milton Hatoum. Isso porque a menção a seu parentesco com o personagem tio Ranulfo é recorrente em mais de um conto – *Varandas da Eva*, por exemplo – situação que nos remete a reflexões de Umberto Eco sobre o que denomina “protocolos ficcionais”, presentes em seus **Seis passeios pelos bosques da ficção**. Segundo o autor,



(...) Levar a sério as personagens de ficção também pode produzir um tipo incomum de intertextualidade: uma personagem de determinada obra ficcional pode aparecer em outra obra ficcional e, assim, atuar como um sinal de veracidade (...) Quando se põem a migrar de um texto para o outro, as personagens ficcionais já adquiriram cidadania no mundo real e se libertaram da história que as criou (...).

(Eco, 1994, p. 132).

Dado que interessa nesse conto é a menção ao desejo que o narrador apresenta de partir de Manaus, indicativo de possível deslocamento migratório. “(...) Pouco tempo depois, quando eu pensava em deixar a cidade, fui com tio Ran ao teatro Amazonas (...)” (Hatoum, 2009, p. 65).

*A casa ilhada* é a nona narrativa. O cenário é Manaus. O estrangeiro Lavedan é o cientista estrangeiro interlocutor do narrador protagonista. Harriet é a personagem estrangeira – mulher inglesa do cientista. Os percursos de Lavedan são o primeiro plano que envolve os relatos secretos imbuídos na narrativa. O relacionamento conturbado que ele e sua esposa desenvolvem, especulações sobre a identidade do estrangeiro e suas presenças na cidade ilhada compõem sua estrutura significativa. Tais perspectivas podem ser reconhecidas nas próprias reflexões do narrador: “(...) O tempo borra certas lembranças e pode mitigar o ódio, o ciúme, talvez a esperança. Mas (...) recebeu com surpresa a primeira correspondência (...) ‘O Shangri-Lá fechou, mas dançamos nessa pequena ilha: nossa morada.’ (...)” (Hatoum, 2009, p. 74).

A história das experiências de um casal brasileiro residindo na França é o enredo central de *Bárbara no inverno*. Lázaro é exilado político. “(...) Mas só Lázaro era exilado, só ele havia sido preso no Brasil, e isso Bárbara lembrou na primeira reunião no quarto-e-sala da avenida Général Leclerc. (...) Viviam em Paris com o coração e o pensamento num canto do Rio (...)” (Hatoum, 2009, p. 77). O apartamento de Copacabana é o cenário do desfecho que o conto reserva ao casal. Uma história de separação, ciúme e insegurança. No conto em análise, são eles – os brasileiros – os estrangeiros em terra alheia.

O conto seguinte, *A ninfa do teatro Amazonas*, apresenta-nos “(...) Seu Álvaro Celestino de Matos – oitenta e sete anos, olhar taciturno e sotaque de imigrante nortenho (...)” (Hatoum, 2009, p. 90). Interessante tal descrição do próprio narrador. O personagem em questão fora vigia do teatro. Em sua condição de imigrante, pelo que se extrai da narrativa, resta-lhe ser reduzido a “braço-de-trabalho”, com um fim associado

à demência física e psíquica. “(...) Ainda não podemos diagnosticar o estado psíquico do sr. Álvaro. Será ele um mero mitômano? Um simples sonôloquo? Teria sido vítima de uma crise de *delirium tremens*? O que ele viu, ou disse ter visto, seriam miragens de um lunático? (...)” (Hatoum, 2009, p. 94).

*A natureza ri da cultura* é o décimo segundo conto. Fato interessante neste enredo é a atmosfera autobiográfica e a referência à imigração libanesa, dados conectados à condição do próprio Hatoum, confirmando a hipótese ratificada por Regina Dalcastagné, de que “(...) a figura do autor (...) jamais estará ausente de seu texto (...)” (Dalcastagné, 2001, p. 85).

Encerrando a coletânea, estão *Encontros na península* e *Dançarinos na última noite*. No penúltimo conto, este é o enredo: um estudante brasileiro ensina língua portuguesa para uma senhora catalã que possui um amante português. Em decorrência de sua relação amorosa, a personagem contrata o professor porque deseja ler Machado de Assis no original. A exemplo de *Bárbara no inverno*, o estrangeiro do enredo é do Brasil. No caso, “(...) Um escritor brasileiro inédito, à procura de um emprego (...)” (Hatoum, 2009, p. 104). Para finalizar a obra, Hatoum nos apresenta Porfíria e Miralvo. Personagens provincianos, com raízes amazônicas, os quais terminam por viver uma aventura amorosa e voluptuosa na própria cidade ilhada. Os estrangeiros são os espectadores de suas danças sensuais e sugestivas no hotel New Horizon. “(...) À noite os mesmos turistas do passeio matinal viam Miralvo dançar no salão de festas do New Horizon. (...) Ele se deixava fotografar com um grupo de hóspedes sorridentes dos Estados Unidos, Japão ou Alemanha (...)” (Hatoum, 2009, p. 114).

Um aspecto relevante, a partir da observação desses estrangeiros hatoumianos, é que parece predominar entre esses sujeitos um questionamento sobre seu “lugar de pertencimento”. Para o estrangeiro japonês do conto *Um oriental na vastidão*, conforme já foi dito, “(...) ‘No lugar desconhecido habita o desejo’ (...)” (Hatoum, 2009, p. 30). A Amazônia, para esses sujeitos, configuraria o lugar que fascina e ameaça. Felix Delatour, um dos estrangeiros retratados no conto *A natureza ri da cultura* e amigo da protagonista, confessa a motivação que o levou a conhecer a floresta que abriga a cidade ilhada amazônica: “(...) seu desejo era partir em busca do desconhecido (...)” (Hatoum, 2009, p. 97). Manaus não está presente em todos os contos desta coletânea. Ainda assim, os estrangeiros que ali habitam ou por ali transitam evidenciam o contraste entre o cenário provinciano e selvagem amazônico e a modernidade dos grandes centros cosmopolitas de onde se originam, ou para onde partem.

Apresenta-se, portanto, uma indagação: que sentimentos ficam latentes nos estrangeiros da cidade ilhada de Hatoum? De acordo com Julia Kristeva “(...) Aos olhos do estrangeiro, os que não o são não têm vida alguma: mal existem, sejam esplêndidos ou medíocres, estão fora da corrida e, portanto, quase já corpos sem vida (...)” (Kristeva, 1994, p. 15). No entanto, uma vez que a proposta que ora se apresenta se dispõe a investigar tais sentimentos a partir da matéria literária em análise, tem-se que tal empreendimento só se faz possível pela apreensão das informações que esses estrangeiros nos fornecem ao se relacionarem, seja entre si, seja com os outros com quem se encontram. Eis, portanto, um aspecto indispensável a esta discussão e que já é parte desta pesquisa desde o capítulo anterior: o encontro. Para Kristeva,

(...) O *encontro* equilibra o nomadismo. Cruzamento de duas alteridades, ele acolhe o estrangeiro sem fixá-lo, apresentando o anfitrião ao seu visitante, sem engajá-lo. Reconhecimento recíproco, **o encontro deve a sua felicidade exatamente ao provisório, pois os conflitos o dilacerariam se ele tivesse que se prolongar**. O estrangeiro crédulo é um curioso incorrigível, ávido por encontros: alimenta-se deles e os atravessa, eterno insatisfeito, eterno farrista também. Sempre em direção a outros, sempre mais longe (...).

(Kristeva, 1994, p. 18. 19, grifo meu)

Para o escritor Umberto Eco, “(...) o outro está em nós. (...) é o outro, é o seu olhar, que nos define e nos forma. (...) não conseguimos compreender quem somos sem o olhar e a resposta do outro (...)”. (Eco, 2006, p. 95). A resposta do outro parece tornar-se, então, definidora e construtora dos sentimentos e sensações desses estrangeiros.

Pensar em sentimento e sensação, neste caso, significa pensar em vivência. São vivências marcadas por errância, variação geográfica, registros da memória e pelas marcas dessas experiências. O interessante é a conexão que se mantém. Personagens errantes, de Barcelona a Palo Alto; Japão a Manaus, passando pela África portuguesa e pelas Filipinas, recorrem à memória em busca de estabilidade enraizadora. O que se extrai daí denota contradição melancólica, nostalgia. Segundo Kristeva,

(...) A dura indiferença talvez seja somente a face confessável da nostalgia. **Conhecemos o estrangeiro que chora eternamente o seu país perdido. Enamorado melancólico de um espaço perdido, na verdade, ele não se consola é por ter abandonado uma época de sua vida.** O paraíso perdido é uma miragem do passado que jamais poderá ser reencontrada (...).

(Kristeva, 1994, p. 17, grifos meus)

Ilustração dessa percepção pode ser extraída do conto *A natureza ri da cultura*:

(...) Com o passar do tempo, o personagem percebe, apreensivo, que o estigma de ser estrangeiro já é menos visível: algo no seu comportamento ou na sua voz se turvou, perdeu um pouco do relevo original. Nesse momento, as origens do estrangeiro sofrem um abalo. A viagem permite a convivência com o outro, e aí reside a confusão, fusão de origens, perda de alguma coisa, surgimento de outro olhar. (...).

(Hatoum, 2009, p. 101)

E é no entremeado complexo sensitivo descrito por Félix Delatour que se demarca com maior evidência o desamparo e a dimensão desarraigada e errante narrados por esse personagem. Tzvetan Todorov (1999) oferece um relato pertinente sobre a condição desse ‘homem desenraizado’. De acordo com o pensador búlgaro-francês, em um instante inicial, esse sujeito sofre. Entretanto, segundo explica, a experiência do desterrado é aprendizado contínuo. Distanciando-se da idealização, passa a conviver com o real e põe-se a não confundir o que é natural com o que é a cultura do outro com quem entra em contato, numa perspectiva potencialmente humanizadora para ambos. O filósofo reconhece as dificuldades desse sujeito: “(...) Às vezes ele fecha-se em um ressentimento, nascido do desprezo ou da hostilidade dos anfitriões (...)” (Todorov, 1999, p. 27). Porém, o mais importante é que, uma vez superado o impacto da novidade e o estranhamento causado pelo encontro, o que sucede é que esse indivíduo

(...) descobre a curiosidade e aprende a tolerância. Sua presença entre os “autóctones” exerce por sua vez um efeito desenraizador: confundindo com seus hábitos, desconcertando com seu comportamento e seus julgamentos, pode ajudar alguns a engajar-se nesta mesma visão de desligamento com relação ao que vem naturalmente através da interrogação e do espanto (...).

(Todorov, 1999, p. 27)

Recorro ao fotógrafo de **Relato de um certo Oriente** para refletir sobre essas características do desenraizado ponderadas por Todorov. A própria narradora central do romance deixa transparecer esse constrangimento de que o autor fala, em uma caminhada ao lado do amigo estrangeiro, “(...) o rapaz de Hamburgo (...)” (Hatoum, 2008, p. 52), em que

(...) seguia Dorner como uma sonâmbula (...) esse morador-asceta de uma cidade ilhada, obstinado em passar toda uma vida a proferir lições de filosofia para um público fantasma, obcecado pelo aroma das orquídeas, das ervas com folhas carnosas e das flores andróginas (...).

(Hatoum, 2008, p. 120)

Não se trata de uma forma de interrogação e espanto, a exemplo do que preconiza Todorov? Ainda que estivesse acostumada e familiarizada com o convívio que tinha com esse estrangeiro ilhado naquela cidade que um dia fora seu porto seguro, havia um incômodo com a escolha feita por aquele homem, a um só tempo familiar e estranho, com quem conversava naquele instante.

Volto à coletânea **A cidade ilhada** para sinalizar, logo na introdução do conto *A casa ilhada*, já no segundo parágrafo, o momento em que o narrador descreve a interrogação presente nos habitantes da cidade flutuante, em relação ao cientista estrangeiro Lavedan, que ali estava, embarcando rio adentro, em busca de ‘uma casa no meio da ilhota’:

(...) **Os moradores das palafitas nos olhavam com surpresa, como se fôssemos dois forasteiros perdidos num lugar de Manaus** que podia ser tudo, menos uma atração turística. No entanto, o cientista Lavedan, antes de voltar para Zurique, insistiu para que o acompanhasse até a casa ilhada, teimando em navegar num rio margeado de casebres pobres (...).

(Hatoum, 2009, p. 69, grifo meu)

Outro embaraço provocado pelo encontro entre nativos e estrangeiros, na província amazônica, pode ser identificado na própria reação da pesquisadora universitária e responsável por ser a anfitriã, em Manaus, do cônsul japonês e do professor Kazuki Kurokawa, em *Um oriental na vastidão*. Ao ser informada a respeito da carta-testamento deixada pelo cientista, com o pedido de que suas cinzas fossem “espalhadas nas águas deste lugar” (Hatoum, 2009, p. 34), a reação da pesquisadora vem acompanhada de surpresa e interrogação:

(...) Lembrei da tradução dos ideogramas e fiquei emocionada. Quase ao mesmo tempo me surpreendi com a notícia da morte de Kurokawa. Pensei nele com saudade. E não escondi minha tristeza. Demorei um pouco para perguntar: Por que as cinzas aqui? (...) Depois, diante da vastidão, recordei a tradução dos ideogramas e **indaguei calada a razão misteriosa das cinzas do cientista no fundo do rio Negro**. Não havia mais claridade, e a superfície escura do remanso alcançava o céu (...).

Neste ponto, em que está em evidência a interrogação, o espanto e o mistério marcadamente visíveis nos traços figurativos desses e em relação a esses sujeitos ancorados na ilha portuária de Milton Hatoum, passo ao próximo tópico, no qual pretendo perceber a introspecção desses indivíduos, característica facilmente observada em seus comportamentos, mais fortemente permeados de silêncio, observação, sugestão e meias-palavras, para verificar em que medida esse aspecto pode ser um excerto representativo da gênese figurativa do estrangeiro hatoumiano.

## **2) Viagem introspectiva: do naturalista oitocentista ao intelectual contemporâneo**

### **2.1.) Diálogo com a tradição**

A minha intenção, ao procurar estabelecer um diálogo com o que a tradição literária brasileira apresenta sobre o acervo figurativo relacionado à “estrangeiridade” de muitos de seus personagens, é realizar um breve levantamento historiográfico em relação ao tema. Meu recuo temporal, portanto, dirige-se ao alcance de algumas contribuições a respeito da historiografia literária nacional dos primeiros anos do século XIX, até os dias atuais. Meu ponto de partida é o texto de Flora Süssekind (1990), num ensaio em que a autora revisita textos ficcionais, desde os anos 30 do período oitocentista, e estabelece, fundamentalmente, três estágios figurativos para um narrador de ficção na prosa brasileira.

Em termos gerais, a autora procura identificar a gênese histórica que singulariza esse sujeito ficcional inaugural e reconhece que “(...) Manteve-se (...), para o sujeito ficcional, perfil geralmente próximo, nesse seu período de formação histórica na literatura brasileira, ao do narrador de viagens. (...)” (Süssekind, 1990, p. 7). A partir dessa percepção, pretendo aprofundar adiante como e em que medida Milton Hatoum recebe o legado dessa influência, advinda de inícios do século XIX.

Em sua perspectiva crítica, Flora Süssekind, conforme observado cima, ordena a representação desse narrador de ficção em três dimensões. Importante apresentá-las

aqui, a fim de que se possa, posteriormente, a elas recorrer, na tentativa de se comparar esses vieses representativos com os personagens hatoumianos. Entre os três momentos ilustrados pela teórica, o primeiro consiste, segundo ela, num enfoque sobre a paisagem e fixa-se no decorrer das décadas de 30 e 40 daquele século. Configuram “(...) pequenas biografias e relatos de viagem, (...) crônicas, estudos morais e novelas históricas com pano de fundo local (...)” (Süssekind, 1990, p. 277). Além desse, o aporte seguinte retrata o “(...) historiador e cronista de costumes (...)” (Süssekind, 1990, p. 277) e já se apresentam textos com descrições sobre o país, bem como caricaturas em revistas ilustradas brasileiras, “(...) sobretudo nos anos 60 e 70 (...)” (Süssekind, 1990, p. 277). Enfim, seu terceiro passo figurativo realça a “(...) Corrosão cuidadosamente trabalhada na ficção machadiana, em que a viagem, em vez de meta, coleção de paisagens e tipos, passa a enformar a própria narrativa e os descentramentos e volteios implacáveis e auto-reflexivos de seu narrador (...)” (Süssekind, 1990, p. 277-278); e conclui: o “(...) último passo é mesmo a figuração do narrador machadiano (...)” (Süssekind, 1990, p. 278). Em resumo, explica a autora:

(...) Cartógrafo, paisagista, historiador, cronista de costumes: variedade de perfis, ponto de mira prefixado, roteiros genésicos ou geográficos em repetida sucessão. Figurações diversas que (...) funcionam como mediadoras entre o narrador auto-reflexivo, e em constante descentramento (de dicções, posições ideológicas, opiniões), de Machado e a sua primeira figuração, na literatura brasileira, colada ao sujeito dos relatos de viagem, e que tem o seu *começo histórico* nos decênios de 30 e 40 do século passado. (...).

(Süssekind, 1990, p. 279).

Há elementos disseminados no texto de Flora Süssekind que chamam a atenção para o aspecto abrangente que se observa na identidade dos personagens da cidade flutuante. Grande parte das características apontadas pela autora pode ser observada nesses sujeitos, a exemplo da autorreflexão, do descentramento, da elaboração de relatos de viagem, da contemplação paisagística, entre outros. A ressalva que faço é que até mesmo esses aspectos comuns àquelas figurações encontradas em nossa tradição literária são atualizados pela perspectiva do escritor de **A cidade ilhada**.

As figurações tradicionais que menciono acima são aquelas, por exemplo, retratadas por autores como José de Alencar, Machado de Assis e Visconde de Taunay.

Observe-se, por exemplo, a referência ao aspecto da paisagem. Os contornos que a condição paisagística adquire em distintos períodos evidenciam a alteração dos

ângulos a partir dos quais cada novo cenário é abordado: a paisagem para o narrador da década de 30 oitocentista não é vista da mesma forma, por exemplo, com que o intelectual estrangeiro enxerga a floresta, quando em visita à província amazônica, nos contos presentes no *corpus* deste trabalho. Certamente, há aí a contribuição da mentalidade e do contexto sociocultural de cada época, bem como muito do componente ideológico que ordena o processo de criação literária.

Voltando, então, ao narrador viajante, penso no acervo dos escritos da pesquisadora Lorelai Kury (2001), em que são apontadas características marcantes sobre quem eram os viajantes naturalistas que vinham ao Brasil, no século XIX, para “fazer ciência”. Segundo Kury, “(...) Os naturalistas que vieram ao Brasil haviam tomado a difícil decisão de viajar. (...)” (Kury, 2001, 864). E esses eram, em sua maioria, “(...) naturalistas mais jovens, oficiais da Marinha, nobres em busca de entretenimento filantrópico ou aventureiros em geral. (...)” (Kury, 2001, p. 864). A teórica analisa, principalmente, as expedições de Alexander von Humboldt. Segundo ela, trata-se do “(...) exemplo mais conhecido do viajante para quem a experiência da viagem é insubstituível (...)” (Kury, 2001, p. 865).

O que é explicado por Lorelai Kury é que o método de trabalho desse novo profissional em cena é transportado do escritório para o campo. Nessa medida, esse cientista passa a figurar como um coletor de informações e observador minucioso e analista de tudo o que possa ser verificado ao seu redor, e que lhe sirva como ponto de partida para seu estudo científico. Esse estudioso quer, agora, “ver com os próprios olhos”. Para isso, precisa se deslocar. E aí entra o componente fundamental: a viagem. “(...) A viagem é em geral considerada pela história natural como uma das etapas necessárias para a transformação da natureza em ciência (...)”. (Kury, 2001, p. 865).

Entretanto, segundo a pesquisadora, para as instituições europeias oitocentistas, as atividades de extrair e processar os dados recolhidos *in loco* não precisavam ser executadas pelo mesmo profissional. Isso quer dizer que, ainda que o desejo do cientista fosse o de ver o objeto de análise com os próprios olhos, o coletor e o sistematizador das informações não precisavam ser a mesma pessoa. Com isso, surgiram novos colaboradores para as empreitadas científicas; foram os “(...) jardineiros coletores, desenhistas e pintores especializados em história natural, preparadores de animais, (...) que acompanhavam ou algumas vezes substituíam os próprios naturalistas (...)” (Kury, 2001, p. 865-866). Em termos gerais, defende a autora, “(...) A ciência dos viajantes



busca atingir o que está por trás da variedade e da profusão dos fenômenos (...)” (Kury, 2001, p. 870).

Nessa medida, havendo a viagem, o observador e o analista das informações, estava estruturado o alicerce para o desenvolvimento da atividade científica, afinal, de acordo com Kury, as “(...) instruções de viagem do século XIX insinuam que, para a ciência, pouco deveria importar quem era o viajante. Suas anotações e registros deveriam ser publicados e passíveis de serem compreendidos por outros naturalistas. (...)” (Kury, 2001, p. 879).

Flora Süssekind também investiga o comportamento desse viajante, no entanto já na medida em que ele é figurado na história da literatura brasileira. Um marco que apresenta é a década de 50 do século XIX, quando, segundo ela, são redefinidas a “(...) figuração inicial do narrador de ficção como viajante e o tipo de relações possíveis entre prosa de ficção e relato de viagem (...)” (Süssekind, 1990, p. 74). De acordo com Süssekind, havia “(...) viagens de todo tipo (...)” (Süssekind, 1990, p. 75) e mais de uma dimensão de causas e motivações para que elas ocorressem. Havia também uma funcionalidade atrelada à criação literária desses relatos de viagem:

(...) Não apenas como divertimento, mas sobretudo como meio de conhecimento, educação e acesso a informações históricas, geográficas e sobre usos e costumes, de outros povos; de outro modo inacessíveis a um público que ‘não há de ir ver as cousas com os próprios olhos da cara’ (...).

(Süssekind, 1990, p. 77).

Até aqui, me remeti às ideias de duas autoras cujas colaborações teóricas remetem a um constructo estético para a ““estrangeiridade””, a partir do movimento da viagem e do viajante. Ambas evidenciam, portanto, o deslocamento como elemento atrelado ao desenvolvimento desse conceito. O estrangeiro é deslocado de sua terra natal, ainda que não esteja em movimento migratório ou definitivo. A mobilidade figura, portanto, como condição essencial para se definir a noção de ““estrangeiridade””, na tradição literária nacional.

Tomando como base essa trajetória historiográfica a respeito da formação do narrador da prosa de ficção no Brasil e do constructo em torno da figuração de um “narrador de viagens” oitocentista, passo ao tópico seguinte para investigar a evolução por que passaram esses sujeitos representados por autores que sucederam a esse momento inicial e fazem parte de um projeto literário nacional e contemporâneo.

## 2.2.) Da historiografia à cena contemporânea

É importante, neste tópico, considerar particularidades contemporâneas relacionadas à historiografia revisitada, no que se refere, sobretudo, ao estudo da representação do imigrante e do estrangeiro na história da literatura brasileira, a partir de uma perspectiva que considere o projeto de formação da nação. O pesquisador Ricardo Barberena (2009) propõe que se desconfie de alguns preceitos, ligados à ideia de nação, que desenham um cenário homogêneo e unificado. Seu alerta se apresenta na medida em que se admite que “(...) cada nacionalismo se encontra *referencializado* numa determinada conjuntura histórica atravessada por uma classe, uma raça e um gênero dominante (...)” (Barberena, 2009, p. 198). O que o pesquisador defende é que

(...) Diante dessa *desconfiança* perante as representações de uma nação pura e hegemônica, **lança-se mão de uma postura crítica que esteja atenta à superfície híbrida e fragmentada de uma identidade nacional não mais enrijecida pelas fronteiras do essencial/exótico, do nativo/estrangeiro, do natural/esquizóide, do centro/periferia.** O ato de reconhecer a heterogeneidade, portanto, mais do que assumir um compromisso teórico, pressupõe uma metodologia de *leitura* que desconfie das representações da nação enquanto reflexos de uma superestrutura amarrada por construções políticas, culturais, raciais, linguísticas monolíticas (...).

(Barberena, 2009, p. 198, grifo meu)

O fundamento de Ricardo Barberena passa pelo aspecto referente à noção de identidade fragmentada. Ao mencionar produções romanescas que representam, segundo o autor, “(...) uma identidade nacional submetida às clivagens de toda ordem (...)” (Barberena, 2009, p. 203), o pesquisador defende que os sonhos brasileiros de se configurar uma autêntica “brasilidade” “(...) também são os sonhos dos Outros (...)” (Barberena, 2009, p. 203), e conclui: “(...) Fardo onírico, o Brasil comporta-se como terra de encontros e migrâncias entre histórias venturosas e deslocamentos trágicos (...)” (Barberena, 2009, p. 203).

No deslocar-se do estrangeiro (a viagem), já a partir de Flora Süssekind, está em evidência a conduta decidida e desbravadora do indivíduo interessado em espreitar com sua própria lupa as inovações e novidades coletadas a cada nova experiência e aventura. Não seria essa a função da Hasselblad de Gustav Dorner? De acordo com a professora e pesquisadora Maria Isabel Edom Pires, o “(...) século XX herdou os telescópios, os

binóculos, as cartas geográficas e toda uma instrumentalização com que o homem pôde alimentar seu desejo de conquistar o mundo, estabelecer fronteiras, estudar o espaço, cartografá-lo, dominá-lo, enfim (...)” (Pires, 2006). Nesse acervo de artefatos compositivos das jornadas desses intelectuais, curiosos, cientistas e observadores da natureza, do encanto e das inúmeras espécies compositivas da fauna e da flora da exuberante floresta tropical da Amazônia, deparamo-nos, então, com a Hasselblad do amigo alemão de Emilie:

(...) Naquela época eu ganhava a vida com uma Hasselblad e sabia manejar uma filmadora Pathé. Fotografava Deus e o mundo nesta cidade corroída pela solidão e decadência. Muitas pessoas queriam ser fotografadas, como se o tempo, suspenso, tivesse criado um pequeno mundo de fantasmagoria, um mundo de imagens, desencantado, abrigando famílias inteiras que passavam diante da câmera, reunidas nos jardins dos casarões ou no convés dos transatlânticos que atracavam no porto de Manaus (...).

(Hatoum, 2008, p. 55)

*A natureza ri da cultura*, por exemplo, talvez seja o conto de Hatoum que mais explora a experiência que a viagem possui para os estrangeiros da narrativa. Falo das reflexões de Félix Delatour e Armand Verne, amigos da matriarca Emilie, apesar de tidos por seu marido como “(...) esnobes e altivos (...)” (Hatoum, 2009, p. 95). O primeiro dava aulas de francês; e o segundo era poliglota e “(...) estudioso de línguas indígenas (...)” (Hatoum, 2009, p. 96). Viajar é o tema central que circunda os diálogos entre esses personagens e a curiosa narradora, neta da matriarca. Para Delatour, a floresta brasileira tornara-se o destino dos sonhos quando ganhara, ainda na infância, o mapa dessa região de um “(...) viajante bretão que andou pela Amazônia (...)” (Hatoum, 2009, p. 98). À semelhança do comportamento de Gustav Dorner, também ele tinha o hábito de fazer anotações, com seu “lápiz vermelho”, como que em busca de registrar suas próprias impressões e, de certa forma, se apropriar antropofagicamente dos hábitos e da cultura dos nativos. Para Emilie, a principal viagem de seus amigos não é aquela entre mundos distintos. Em sua percepção, “(...) Verne viaja no espaço, e Delatour, no tempo (...)” (Hatoum, 2009, p. 99). Já para o próprio professor de francês, o mais interessante “(...) é a aventura do conhecimento (...)” (Hatoum, 2009, p. 100). Segundo afirma, “(...) A viagem, além de tornar o ser humano mais silencioso, depura o olhar (...)” (Hatoum, 2009, p. 100). Armand Verne, por outro lado, não oferece muitas pistas sobre sua própria experiência como viajante. No entanto, é o marido da matriarca que esclarece: “(...) Verne era um viajante incansável, um andarilho que colecionava lendas

e mitos da Amazônia. Um homem que se apropriava da cultura dos nativos, com a esperança de salvá-los (...)” (Hatoum, 2009, p. 100).

Assim, retorno ao “homem que se apropriava da cultura dos nativos”, cuja perspectiva “canibal” configurou um ponto de partida para parte da elaboração teórica desenvolvida no primeiro capítulo. Volto, portanto, à antropofagia estudada a partir do **Totem e tabu** freudiano, passando pelo manifesto oswaldiano para reconhecer em Armand Verne um abrangente amálgama figurativo do que seja a acepção particular de Milton Hatoum, a respeito da ““estrangeiridade””, uma vez que agrega o viés canibal-totêmico, prefigurado por Freud; a introspecção, a curiosidade e a propensão a viagens e aventuras herdadas do viajante naturalista oitocentista; além da fragmentação que se pode observar em sua identidade de estrangeiro “distante próximo”; esse sujeito que admite, em certa medida, conforme descreve Stuart Hall “(...) uma *falta de inteireza* (...) ‘preenchida’ (...) pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por *outros* (...)” (Hall, 2006, p.39). Não à toa, a experiência da viagem compõe, ainda, o título da narrativa escrita por Felix Delatour, e em parte relatada pela narradora, após a partida do amigo estrangeiro: *Viagem sem fim*. Afinal, explica Flora Sússekind, “(...) É também no ‘ter viajado’ que parece residir a maior confiabilidade de quem narra ou coleciona casos, aventuras ou mesmo espécimes vegetais (...)” (Sússekind, 1990, P. 80).

É fortemente presente, como vimos, na obra de Milton Hatoum, o emigrado, o turista ou o visitante alemão. Configura-se, dessa forma, um aspecto que está inserido na figuração tradicional do estrangeiro na historiografia literária nacional. De acordo com Zuleika Alvim, “(...) o marco da imigração alemã para o Brasil foi a fundação de São Leopoldo, no Rio Grande do Sul, em 1824. (...)” (Sevcenko, 1998, p. 218-219). Trata-se, nesse caso, da composição de um conjunto de famílias que vieram, a exemplo de tantas outras, de distintas nacionalidades e etnias, reconstruir a vida e, em certa medida, em busca de uma estadia mais permanente e duradoura. Há, por outro lado, conforme pontua Walnice Nogueira Galvão, o alemão que “(...) está sempre passando (...)” (Galvão, 1998, p. 19). E esse último, como podemos observar, também parece passar pelas narrativas contemporâneas de Milton Hatoum.

Pensemos, em primeiro lugar, em Gustav Dorner, de **Relato de um certo Oriente**. As conversas familiares sobre seu convívio com a família da matriarca Emilie dão sinais de um nomadismo e de uma errância próprios de quem está “de passagem”:

(...) sabiam que Dorner estava de volta à cidade. – Há uns seis ou sete anos morou em Manaus – disse Emilie. – Depois fez uma longa viagem pela selva e

andou pelo sul revendo uns parentes. (...) Outro dia encontrei Dorner na porta do Café Polar – disfarçou Esmeralda. – Fazia festa com os amigos que deixou aqui, e queria saber se conheciam algum nubente ou o aniversariante da semana. **Parece que desta vez veio para ficar** (...).

(Hatoum, 2008, p. 36, grifo meu)

A **cidade ilhada**, por sua vez, apresenta narrativas com sujeitos estrangeiros de origens diferenciadas – alguns deles alemães –, sendo que, em sua maioria, são representados como turistas ou cientistas em missão, o que reforça a ideia do nomadismo e da não permanência. De qualquer modo, como bem ilustrado no texto “Forasteiros”, outros tantos alemães do acervo literário brasileiro para cá não vieram se fixar, e sim conhecer; “ver com os próprios olhos”; canibalizar, talvez; mas de todo modo, apenas por aqui passar. Nesse sentido, uma vez que o objetivo presente é pensar a partir da historiografia brasileira para alcançar a cena contemporânea, é importante observar, também de acordo com os dizeres de Walnice Galvão, que:

(...) **A presença do estrangeiro, enquanto viajante sempre passando, começa a transformar-se em permanência na literatura a partir de meados do século XIX.** Vai mesmo tornar-se tema de um grande debate público: o da substituição do braço escravo, em rápida diminuição devido à abolição gradual através de sucessivas leis. Tempos se passariam até que os diferentes grupos adventícios atingissem o estágio de estampar por escrito uma meditação sobre a singularidade de sua conjuntura, em língua da terra. (...).

(Galvão, 1998, p 21, grifo meu)

O que se pode perceber no cenário atual, portanto, é a “singularidade de uma conjuntura”, o que parece estar relacionado com as particularidades de cada movimento migratório, nômade ou errante, que pode ser realizado pelo viajante / imigrante da modernidade. Neste ponto, considero importante apresentar uma distinção oportuna e esclarecedora a respeito de dois perfis possíveis para o viajante, de acordo com a categorização realizada por Zilá Bernd (2007):

(...) **Se**, de um lado, **Ulisses simboliza o desejo da volta ao país natal** e, por via de consequência, denotando os sentimentos de fidelidade à pátria, apego à família e, sobretudo, de uma grande nostalgia do passado, isto é, do tempo anterior às longas viagens, **Jasão, ao contrário, corresponde ao desejo da errância e da vagabundagem.** Para Sérgio Kokis (1995), Jasão, o líder dos argonautas, pensa principalmente no futuro, no que vai encontrar no caminho, nas cidades que vai fundar e nas mulheres que vai conquistar. Contrariamente a Ulisses, onde é a viagem de volta que conta, para Jasão e seus companheiros é a viagem de ida que importa. Haveria os que partem por partir (os verdadeiros viajantes, segundo Baudelaire), que seriam conforme Kokis, os desenraizados

essenciais, e os que vivem a viagem e o exílio com nostalgia, pensando no regresso ao país natal. Fazendo o elogio de Jasão, o escritor brasileiro, radicado em Quebec, Kokis faz o elogio da errância, e não do enraizamento, do sedentarismo e da imobilidade em um só lugar. (...).

(Bernd, 2007, p. 670, grifos meus)

Dada essa distinção, parece ficar em evidência, na contemporaneidade de Hatoum, esse viajante à semelhança de Jasão, que prioriza a aventura, o conhecimento e o desenraizamento. O retorno à terra natal não se configura, para todos, como uma volta definitiva ou estabilizadora, mas como uma nova passagem, desencadeando um novo percurso, uma nova rota para aquela que fora a partida inicial, correspondendo, talvez, ao “elogio da errância” identificado por Zilá Bernd e vivenciado tão intensamente por esses estrangeiros aportados na Cidade flutuante hatoumiana.

### 3) Em busca da Amazônia – destino (in)consciente?

O que entra em cena agora é como se apresenta para a maioria desses estrangeiros viajantes hatoumianos o espaço físico encontrado ou procurado como destino de suas jornadas individuais: uma ilha urbana que abriga a fascinante e exótica floresta tropical da Amazônia. Esse encontro nos conduz ao próximo tópico. Nele, o objetivo é pensar sobre motivações, causalidades e efeitos desses deslocamentos em direção ‘ao desconhecido’ e ao ‘lugar onde habita o desejo’.

(...) A viagem terminou num lugar que seria exagero chamar de cidade. Por convenção ou comodidade, seus habitantes teimavam em situá-lo no Brasil; ali, nos confins da Amazônia, três ou quatro países ainda insistem em nomear fronteira um horizonte infinito de árvores; naquele lugar nebuloso e desconhecido para quase todos os brasileiros (...).

(Hatoum, 2008, p. 64)

Com essa primeira impressão do Brasil, o futuro marido de Emilie, em **Relato de um certo Oriente**, aporta no chão amazônico. O que vem depois desse instante já faz parte das vivências de um indivíduo desterritorializado. E, independente de qual seja o sentimento despertado no contato inicial de cada um dos demais estrangeiros hatoumianos com aquela selva, no momento em que ali chegam, passam a configurar parte do conjunto de sujeitos deslocados e alvos de nossa análise. A importância dessa

consideração é que passo a me interessar especificamente, neste item, justamente pela relação entre esses personagens e a Amazônia.

O questionamento central é se o desembarque na floresta tem a ver com o acaso decorrido de suas ‘vidas em deslocamento’, ou se era esse mesmo o destino que haviam estabelecido para suas viagens. Uma ilustração é a ideia apresentada sobre a associação projetiva desses sujeitos com a vastidão amazônica, na medida em que o cenário pode configurar um espaço de transferência de fragilidades e ausências, a partir de identidades ‘desarraigadas’, a exemplo da consideração do almirante indiano Rajiv Kumar Sharma, já apresentada no primeiro capítulo: “(...) Para mim, a Amazônia é o mapa de um labirinto infinito. Amanhã vou entrar nesse labirinto (...)” (Hatoum, 2009, p. 55).

Uma segunda perspectiva a ser considerada é relacionada ao aspecto pitoresco, folclórico e exótico da Floresta Amazônica. Partindo dessa hipótese, remeto-me, em um instante inicial, ao texto do pesquisador Leonardo Tonus, segundo quem “(...) falar em exótico e em exotismo hoje em dia dentro do contexto literário pós-colonial tornou-se um verdadeiro tabu. (...)” (Tonus, 2005, p. 137). Isso porque, explica:

(...) Essa prática narrativa não somente já não faz parte do campo estético dos autores contemporâneos da chamada ‘boa literatura’, como também é sistematicamente associada a uma herança cultural ultrapassada, de mau gosto e com veleidades neocolonialistas. (...)

(Tonus, 2005, p. 137-138)

Em termos gerais, o argumento de Tonus é que a expressiva receptibilidade da obra de Hatoum é justamente advinda do componente exótico de suas narrativas, a despeito, segundo o crítico, das “(...) tentativas fracassadas empreendidas pelo autor para neutralizar tal procedimento (...)” (Tonus, 2005, p. 138). Segundo observa, o fato é que a constante remissão aos “(...) dois universos fantasiados, imaginados, construídos e desejados a partir dos fantasmas exóticos: os universos amazônico e oriental (...)” (Tonus, 2005, p. 137) fundamentam a caracterização do espaço ficcional de Hatoum, a partir de uma “(...) eventual deriva exótica (...)” (Tonus, 2005, p. 141), em um processo ‘recriativo’, pela “(...) memória imigrante (...)” (Tonus, 2005, p. 138).

A pesquisadora Rita Olivieri-Godet também aprofunda a questão do exótico, em seu texto “Estranhos estrangeiros: poética da alteridade na narrativa contemporânea brasileira” (2007). Segundo afirma, “(...) A experiência da alteridade como ponto de

partida do processo de criação inaugura uma dupla perspectiva entre o intra e o supranacional, cruzando olhares entre a cultura brasileira e a estrangeira em foco (...)” (Olivieri-Godet, 2007, p. 233). A autora, em seu texto, apresenta as fontes teóricas que lhe ofereceram ferramentas para sua reflexão sobre a ‘poética da alteridade’: Freud, Lévi-Strauss, Bakhtin, Kristeva, Todorov, Victor Segalen, entre outros. Partindo do conjunto de conceitos que examina, a partir desses e outros autores, para a noção do exotismo na narrativa ficcional brasileira, Rita Olivieri-Godet chega a uma ‘visão reabilitadora do exotismo enquanto alteridade irreduzível’ (Olivieri-Godet, 2007, p. 235); e conclui, em seu traçado teórico, que a “(...) *poética da alteridade*, ao encenar a travessia das fronteiras culturais, possibilita uma subjetivização dessas fronteiras, aderindo, assim, à perspectiva psicanalítica que considera a alteridade como parte integrante do *mesmo* (...)” (Olivieri-Godet, 2007, p. 236).

Ainda em relação à temática do exotismo na narrativa brasileira, Antonio Candido, por sua vez, em seu artigo ‘Literatura e Subdesenvolvimento’ (2011), discorre sobre o exótico, a dependência e “(...) certas formas de nativismo e regionalismo literário, que reduzem os problemas humanos a elemento pitoresco (...)” (Candido, 2011, p. 189). O que Candido propõe, a respeito das escolhas dos temas realizadas pelos escritores, é que as “(...) áreas de subdesenvolvimento (ou atraso) invadem o campo da consciência e da sensibilidade do escritor, propondo sugestões, erigindo-se em assunto que é impossível evitar, tornando-se estímulos positivos ou negativos da criação (...)” (Candido, 2011, p. 190). Com isso, defende que as condições sociais e culturais atuam de forma direta nas seleções temáticas dos escritores.

Nesses termos, Candido desenvolve sua proposta a partir do exemplo da América Latina. Realiza uma divisão entre dois momentos iniciais distintos que refletem uma mudança no nível de consciência dos autores em relação ao subdesenvolvimento. Para ele, na primeira fase, o que se evidencia é uma abordagem pitoresca e decorativa do exótico. Trata-se ainda de um mero “(...) reconhecimento da realidade do país e sua incorporação ao temário da literatura (...)” (Candido, 2011, p. 191). O que ocorre em seguida, observa, é o que denomina a fase de ‘consciência do subdesenvolvimento’: “(...) funciona como presciência e depois consciência da crise, motivando o documentário e, com o sentimento de urgência, o empenho político (...)” (Candido, 2011, p. 191). Essa remissão à obra de Candido tem o objetivo, justamente, de contar com a contribuição da teoria e da crítica literária a respeito da representação do exótico na literatura brasileira e procurar maior compreensão em relação ao traçado



hatoumiano do exótico. Segundo sua orientação teórica, a respeito das duas fases acima ilustradas, Candido observa:

(...) em ambas as etapas verifica-se uma espécie de seleção de áreas temáticas, uma atração por certas regiões remotas, nas quais se localizam os grupos marcados pelo subdesenvolvimento. (...) **É o caso da região amazônica**, que atraiu romancistas e contistas brasileiros, como José Veríssimo e Inglês de Sousa, desde o começo do Naturalismo, nos decênios de 1870 e 1880, em plena fase pitoresca. (...)

(Candido, 2011, p. 191, grifo meu)

O autor reconhece, por fim, ainda, uma terceira fase, da qual, segundo esclarece, fazem parte Guimarães Rosa, Clarice Lispector, entre outros que, nos seus termos, ultrapassam “(...) o pitoresco e o documentário (...)” (Candido, 2011, 1995). Trata-se da fase que denomina ‘super-regionalista’. “(...) Ela corresponde à consciência dilacerada do subdesenvolvimento e opera uma explosão do tipo de naturalismo que se baseia na referência a uma visão empírica do mundo (...)” (Candido, 2011, p. 195).

Considerar as classificações dos tipos de regionalismo elaboradas pelos teóricos em análise é fundamental como orientação teórica e crítica para o exame relacionado à abordagem do exótico na obra de Hatoum. Entretanto, entende-se que a narrativa contemporânea incorpora elementos que reconhecem, mas extrapolam os limites das distinções por ele estabelecidas. Nessa medida, a professora Tânia Pellegrini, por sua vez, observa que há um ‘regionalismo revisitado’ na obra de Milton Hatoum, em que “(...) o autor revitaliza o gênero, num momento da história da ficção brasileira em que ele parecia aos poucos estar se esgotando (...)” (Pellegrini, 2004, p. 128). Em sua análise, pondera o alcance desse aspecto renovador na figuração humana das histórias compostas pelo autor manauara e salienta que o

(...) regionalismo revitalizado de Hatoum repousa, assim, em (...) um processo mental duplamente trabalhado, se assim se pode dizer, o qual, como quer Candido, **elabora ‘conscientemente uma realidade humana, extraída da observação direta’ de seus territórios materiais e subjetivos, com sensibilidade plástica, apuro lingüístico e acuidade psicológica.** (...)

(Pellegrini, 2001, p. 134-135, grifo meu)

Nos termos da pesquisadora, há uma densidade psicológica em evidência nas narrativas de Hatoum. Pretendo explorar, na circunferência desse traço, em que medida a Amazônia é um destino consciente para esses estrangeiros. Se pensarmos no esposo de Emilie, em seu primeiro romance, fica esclarecido que viajar rumo ao chão brasileiro foi um desígnio de seus ancestrais libaneses. Segundo relato do personagem, recebera

um bilhete de seu pai, com a sentença: “(...) chegou a tua vez de enfrentar o oceano e alcançar o desconhecido, no outro lado da terra (...)” (Hatoum, 2008, 65). A narração do pai de Hakim sobre sua longa viagem, das terras orientais à selva amazônica, revela o desconhecimento, a inquietação e a reserva que o acompanhavam rumo à sua nova vida. Ainda que fique claro que sua vinda ao Brasil não tenha sido um projeto consciente, já nos contatos iniciais com a floresta, fica possível perceber como esse encontro é imbuído de surpresa, fascínio e, em certa medida, revela uma projeção de parte de seu material inconsciente:

(...) Ansioso, esperei o amanhecer: a natureza, aqui, além de misteriosa é quase sempre pontual. Às cinco e meia tudo ainda era silencioso naquele mundo invisível; em poucos minutos a claridade surgiu como uma súbita revelação, mesclada aos diversos matizes do vermelho, tal um tapete estendido no horizonte, de onde brotavam miríades de asas faiscantes: lâminas de pérolas e rubis; durante esse breve intervalo de tênue luminosidade, vi uma árvore imensa expandir suas raízes e copa na direção das nuvens e das águas, e me senti reconfortado ao imaginar ser aquela a árvore do sétimo céu (...)

(Hatoum, 2008, p. 65)

Seja para reconfortá-lo, seja para tornar mais palatável a chegada à nova terra, que viria a ser o espaço de toda a sua vida futura, no entanto, também a responsável pelo exílio e pelo desmembramento de sua vida – a partir de agora, era o antes e o depois da viagem –, é significativo que o novo morador da ilha manauara imagine estar diante da ‘árvore do sétimo céu’, símbolo icônico do contraponto que ali se estabelecia com a religião, a cultura e a sociedade orientais, e importante aspecto formador de sua identidade de ‘homem desenraizado’, que enfim compreendia, como relata, e “(...) com o passar do tempo, que a visão de uma paisagem singular pode alterar o destino de um homem e torná-lo menos estranho à terra em que ele pisa pela primeira vez.

Já outros conhecidos estrangeiros dos contos cujo pano de fundo é a cidade ilhada de Hatoum mostram-se mais conscientes de suas escolhas. Como vimos, fazem parte de um conjunto de personagens que compõem como que outra categoria de uma particular acepção da “‘estrangeiridade’” hatoumiana. São aqueles intelectuais, solitários e errantes, que vêm justamente e conscientemente em busca do ‘lugar do desconhecido onde habita o desejo’. Nesse grupo, podem ser incluídos Kazuki Kurokawa, do conto *Um oriental na vastidão*; o almirante indiano Rajiv Kumar Sharma, do conto *Manaus, Bombaim, Palo Alto*; Feliz Delatour e Armand Verne, do conto *A natureza ri da cultura*; o cientista Lavedan, do conto *A casa ilhada*, que

aportara em Manaus, em direção a uma casa ilhada em meio à floresta, do outro lado do igarapé: “(...) um bangalô atraente e misterioso, que só parecia dar sinal de vida depois do anoitecer, quando as luzes iluminavam a fachada e o jardim (...)” (Hatoum, 2009, p. 71); além do velho amigo daquela família que fundara um ‘certo Oriente’ no cerne da Floresta Amazônica, Gustav Dorner. Isso é o que nos conta Hakim, filho de Emilie e amigo do fotógrafo: “(...) Lembro também de suas exaustivas incursões à floresta, onde ele permanecia semanas e meses, e ao retornar afirmava ser Manaus uma perversão urbana. ‘A cidade e a floresta são dois cenários, duas mentiras separadas pelo rio, dizia (...)’” (Hatoum, 2008, p. 73).

Assim observo que esses estrangeiros ‘em busca do desconhecido’ talvez ajam dessa forma, inclusive, conforme avalia Tânia Pellegrini, em função ‘da observação direta de seus territórios materiais e subjetivos’. Dessa forma, é o próprio estrangeiro de **Relato de um certo Oriente** que confessa: “(...) todo viajante que procura o desconhecido convive com a hipótese feliz de cometer enganos (...)” (Hatoum, 2008, p. 72). Considerando a declaração de Dorner, ressalto o aspecto exótico da selva amazônica de Hatoum, concebido aqui nos termos que Rita Olivieri-Godet define, tendo a ver com “(...) a atração pelo *Diverso*, pela *diferença* enquanto fonte de beleza criativa (...)” (Olivieri-Godet, 2007, p. 250), figurada na esteira de um espaço cujo caráter labiríntico e misterioso configura um ambiente constituidor e formativo dessas identidades à deriva, uma vez que sua condição de ser o ‘lugar do desconhecido’ tem forte proximidade com o inconsciente freudiano, aquela que talvez seja, como salientam Chevalier e Gheerbrant, “(...) a parcela existente no homem, ainda errática e não assimilada, em busca da identificação. (...)” (Chevalier & Gheerbrant [et al.], 2009, p. 403-404).

O contato com a Floresta Amazônica leva, talvez, ao extremo a existência da possibilidade de se experimentar o que está para além do território do ‘eu’ e dentro do território do ‘outro’. É o ultrapassar das fronteiras da floresta que fornece a esses estrangeiros errantes a possibilidade do canibalismo, de alcançar o ‘outro’, de vivenciar as dimensões abstratas e concretas da questão da alteridade: eis a aventura que o autor destina a esses viajantes emigrados. Como observa Rita Olivieri-Godet, Milton Hatoum faz parte de um conjunto de autores contemporâneos que, “(...) Assim procedendo, exhibe[m] concomitantemente os limites e o poder da literatura, este se revelando no seu caráter visionário em conceber uma viagem original, em conduzir à surpresa o

inesperado, interrogando o enigma insondável da vida. (...)” (Olivieri-Godet, 2007, p. 251).

### 3.1.) A selva em foco: o olhar estrangeiro

(...) Imagino (...) que o gesto essencial do *Operator* é o de surpreender alguma coisa ou alguém (pelo pequeno orifício da câmara) e que esse gesto é, portanto, perfeito quando se realiza sem que o sujeito fotografado tenha conhecimento dele (...)

(Barthes, 2010, p. 54)

Roland Barthes nomina esse sujeito que maneja sua lente para surpreender o que o envolve, ao seu redor: o *Operator*. Seu objetivo é capturar o que o rodeia e, portanto, lhe é estranho e lhe ultrapassa. Há aí mais um gesto próximo à atitude canibal, pelo fato de o sujeito não ter conhecimento de ser o alvo, além de representar a essência do contato com o ‘não eu’ – o ‘outro’.

Quantos *operators* vemos aportarem a selva amazônica de Hatoum? Boa parte dos estrangeiros por ele figurados em nosso *corpus*, ao menos. O primeiro traço: a curiosidade. São personagens questionadores, observadores. Percebe-se isso, por exemplo, na conversa entre o almirante indiano Sr. Sharma e o narrador do conto *Manaus, Bombaim, Palo Alto*:

(...) **No começo do encontro, o silêncio entre desconhecidos.** O almirante observou os livros e dicionários empilhados no chão, as paredes com nódoas, as lajotas desconjuntadas da sala, as teias de aranha na sombra dos cantos mais altos; um copo e garrafas vazias acusavam a solidão do passado recente. Eu só tivera ânimo de varrer as formigas-de-fogo, todas mortas, e ofertá-las às cigarras na soleira da varandinha. **O embaraço, que podia ter sido meu, assaltou o semblante de Sharma.** (...)

(Hatoum, 2009, p. 55, grifos meus)

Kazuki Kurokawa, em *Um oriental na vastidão*, também denunciava sua curiosidade:

(...) De volta ao porto, Kurokawa não arredou o pé do barco. Sentado na proa, observava o rebuliço na praia. Então ele se levantou, aproximou-se de mim e segurou minhas mãos. Os olhinhos dele me encararam por alguns segundos. Disse que não queria tomar meu tempo. Ainda apertava minhas mãos quando prosseguiu: Se a senhora não se importar, alugo o barco do comandante Américo e faço uma viagem. **A minha viagem.** (...)

(Hatoum, 2009, p. 32, grifo meu)

Curiosidade e observação são características que se manifestam em grande parte dos estrangeiros em visita à cidade flutuante e parecem ser evidências primeiras da conduta *operator* desses personagens. Em seguida, podemos perceber o movimento de captura do que observam, a partir do olhar. Segundo Barthes, “(...) Desse gesto derivam abertamente todas as fotos cujo princípio (...) é o ‘choque’; pois o ‘choque fotográfico’ (...) consiste menos em traumatizar do que em **revelar aquilo que estava tão bem oculto, que o próprio ator dele estava ignorante ou inconsciente.** (...)” (Barthes, 2010, p. 54, grifo meu). Ainda que não seja pela própria fotografia, a exemplo do que faz Gustav Dorner, em **Relato de um certo Oriente**, a captura pelo olhar é uma das atitudes que compõem o traço figurativo dos ‘estrangeiros-operators’ hatoumianos.

Importante pontuar o valor icônico da Hasselblad do estrangeiro do romance inaugural de Hatoum. Por intermédio de sua lente é que se manifesta grande parte do encontro efetivo entre o ‘eu’ estrangeiro – Dorner – e o ‘outro’ selvagem – o habitante da ilha, ainda que seja o emigrado (a família de Emilie, por exemplo).

Outro dado fundamental a ser ressaltado é que a captura é feita em dado instante. É fruto de observação contínua, mas o resultado final processa-se a partir de um instante apenas. Isso posto, de acordo com Bachelard, “(...) Com efeito, se o instante é uma falsa cesura, o passado e o presente não de ser bem difíceis de distinguir (...)” (Bachelard, 2010, p. 20). A observação é processo, mas a captura é instante. O amplo conjunto de informações e ideias que Gustav Dorner coleciona em suas errâncias pela cidade flutuante são parte do processo que o leva a apreender, em determinados instantes, raros e certos sinais – as imagens da fotografia – que revelam e desnudam o que era latente e agora é, nos termos de Barthes, ‘choque’. Afinal, como observa Roland Barthes,

(...) A Fotografia é *chã*, em todos os sentidos da palavra, eis o que é preciso que eu admita. (...) pois, **do ponto de vista do olhar, ‘a essência da imagem é estar toda fora, sem intimidade, e no entanto mais inacessível e misteriosa do que o pensamento do foro íntimo;** sem significação, mas invocando a profundidade de todo sentido possível; irrelatada e todavia manifesta (...)  
(Barthes, 2010, p. 156-157, grifo meu)

Depois do choque, passado o instante da captura, segue-se, via de regra, a reflexão. Retorno, inevitavelmente, a Dorner para lembrar sua consideração sobre esse processo: “(...) Aos que lhe perguntavam se realmente havia mudado de profissão, respondia: ‘Apenas alterei o rumo do olhar; antes, fixava um olho num fragmento do

mundo exterior e acionava um botão. **Agora é o olhar da reflexão que me interessa.** (...)” (Hatoum, 2008, p. 74, grifo meu). Kazuki Kurokawa, de volta ao porto, deseja retornar sozinho rio adentro, para fazer a ‘sua viagem’, aquela da introspecção, da reflexão e do processamento do que fora capturado nos primeiros contatos com a floresta. É também nas vias da reflexão que Feliz Delatour, em *A natureza ri da cultura*, escreve seu relato sobre uma certa “Viagem sem fim”.

Assim se processa esse olhar do estrangeiro figurado por Hatoum: é desenvolvido a partir do gesto curioso do encontro com a ilha, seguido da postura observadora que tudo registra e percebe, para que o olhar seja certo ao definir o instante da captura de imagens, que serão matéria-prima para a reflexão e a deglutição canibal de tudo o que é travessia entre ‘eu’ e o ‘outro’: síntese para a figuração de uma acepção hatoumiana para “‘estrangeiridade’”: antropofagia. Encontro com a tradição. Oswald revisitado: “(...) **A arte incorpora o momento histórico do outro** (...) E, nesse processo, é o diálogo que precisa vir à tona enquanto processo construtor não só da arte, mas de todo e qualquer evento artístico ou não (...)” (Gardin, 1995, p. 20, grifo meu). E a narrativa de Milton Hatoum atualiza-se ao dialogar e inserir-se na historiografia literária brasileira apropriando-se e ampliando as fronteiras entre o nacional e o internacional. O exílio moderno.

### III. O Estrangeiro de Hatoum e as dimensões de análise

Neste terceiro capítulo, pretendo aproximar as leituras dos contos e as dimensões de análise desenvolvidas no início do trabalho. Trata-se de uma perspectiva conclusiva em que se pretende observar como o autor particulariza sua acepção para a “estrangeiridade” e que sentidos podem ser agregados ao termo na narrativa brasileira contemporânea.

Em **A cidade ilhada**, estão representados mais de quinze personagens estrangeiros. Entre eles, como dito no capítulo anterior, são figurados sujeitos de diferentes nacionalidades e etnias, a exemplo de uma família (em *Uma estrangeira da nossa rua*) que não se sabe ao certo se é inglesa ou irlandesa; um diretor de biblioteca americano; três ou quatro intelectuais franceses e professores desta língua a brasileiros; um velho cientista japonês e dois diplomatas representantes daquele país; um jornalista e uma universitária indianos; um cientista europeu e sua esposa; três brasileiros

intelectuais residindo na França e em Barcelona; além de turistas americanos, alemães e japoneses, em visita à Amazônia brasileira.

A primeira personagem a figurar no conto inicial da coletânea de Hatoum é a moradora do bairro vizinho ao do protagonista – a ‘estrangeira’. Esta narrativa é um ponto de partida para o leitor conhecer a Amazônia que Hatoum continuará a ilustrar. É uma espécie de entrada pela periferia mesmo da cidade – pelas bordas, pelas margens – nos moldes dos ribeirinhos que ali habitam. Conhecemos, nesse momento, um pouco da história do local (o tempo da narrativa é o da infância do narrador), da vida noturna, dos estabelecimentos clandestinos e portuários, das contradições sociais e também do lado cosmopolita de Manaus. A estrangeira do conto *Varandas da Eva* está de passagem. Aparece na garupa da lambreta de Gerinélson – um dos amigos do narrador – e nada mais se sabe a seu respeito. Ao leitor, fica apenas uma menção a essa presença, que levanta suspeitas e desperta a curiosidade. Quem é ela? De onde vem? Está sozinha? Indagações, apenas. E, a partir dessa primeira sugestão, é convidado a embarcar pelos demais contos, como quem se propõe a navegar pelos rios que banham a Manaus de Hatoum para mais de perto alcançar seu núcleo e perceber seu universo ilhado.

Em *Uma estrangeira da nossa rua*, é a família Doherty que figura como porta-voz dos estrangeiros “encontrados a cada esquina das grandes cidades” (Haesbaert, 2011). O narrador não informa com certeza a nacionalidade da família. Supõe que sejam irlandeses ou ingleses. Mais do que uma definição em particular, identifica-se uma miscigenação dentro mesmo da própria família. De acordo com informações de outra personagem da narrativa, Alba, a mãe, é peruana. Neste ponto, cabe uma reflexão relacionada à dimensão política e identitária da “estrangeiridade” representada por Hatoum. Em sua própria narrativa, o autor faz menção a esse respeito, ao permitir ao narrador afirmar o entendimento de que “(...) a língua, e não a nacionalidade, nos define. (...)” (Hatoum, 2009, p. 16).

Um segundo aspecto que se pode observar a respeito da acepção da “estrangeiridade” presente neste conto tem a ver com a dimensão que considera as contribuições dos estudos psicanalíticos. Julia Kristeva, como visto, afirma que “(...) A psicanálise sente-se então como uma viagem na estraneidade do outro e de si mesma, em direção a uma ética do respeito pelo inconciliável. (...)” (Kristeva, 1994, p. 191); e propõe o desafio: “(...) Como poderíamos tolerar um estrangeiro se não nos soubermos estrangeiros para nós mesmos? (...)” (Kristeva, 1994, p. 191).

(...) A família Doherty recebia dos vizinhos convites para festas de São João e de aniversário. Nós sempre convidávamos os estrangeiros, e sempre recebíamos um buquê de flores com um bilhete de agradecimento ou parabéns, assinado pelos pais e suas filhas. (...) Os Doherty nunca importunavam ninguém, eram afáveis e muito discretos. **Tanta discrição era insuportável, e me irritava. São loucos, vivem socados dentro de casa, dizia Antonieta. O que eles fazem escondidos?** (...)

(Hatoum, 2009, p. 17, grifo meu)

Os pensamentos e comentários a respeito do modo de viver da família Doherty parecem corresponder a um desejo / medo, nos termos de Freud, de realização dessa viagem pela estraneidade do outro, apontada por Kristeva, no sentido mesmo de uma ética de respeito pelo inconciliável, que se traduz, talvez no exercício de harmonização entre a incompreensão e a tolerância; o encontro e a distância.

Pensando, também, na dimensão que parte do olhar (o olhar do outro e para o outro), abordada na terceira parte do segundo capítulo, é possível refletir, a partir dessa perspectiva, sobre a família estrangeira deste segundo conto da coletânea de Hatoum:

(...) Quando fiz catorze anos e ingressei no ginásio, pudei galhos e folhas no jambeiro do quintal, abrindo um clarão na copa espessa da árvore. Então podia ver o pátio onde a mãe estendia a roupa molhada das filhas; aos domingos, cinco da tarde, via a família ao redor de uma mesa sob a acácia; conversavam, riam, tomavam chá e comiam pupunha cozida com manteiga. A merenda dos Doherty me dava água na boca. Aos sábados, podia ver a janela do quarto das irmãs. A cama de Lyris aparecia inteira, a da irmã, só a metade; **durante a semana, as duas moças raramente ficavam no quarto, pois estudavam no escritório da fachada oeste, inacessível ao meu olhar.** Alba fechava a janela no fim da tarde, de modo que eu nunca as via à noite. Quando trovejava, a casa toda ficava escura e fechada, diziam que os Doherty tinham medo dos torós amazônicos. Antonieta, língua solta, espalhava para a vizinhança que Alba acendia velas e rezava durante o aguaceiro, enquanto o engenheiro se trancava com as filhas e as agarrava com volúpia. Diz que até ouviu gritos das duas irmãs, sons mais estridentes que trovoadas, e que nas noites de temporal os Doherty dormiam e acordavam na mesma cama. **Não sei se era verdade, Antonieta via o bangalô de outro ângulo,** e cada vizinho contava uma história diferente e estranha sobre os Doherty. (...)

(Hatoum, 2009, p. 17-18, grifos meus)

Os trechos grifados na citação acima assim o estão porque retratam o perfil do *voyeur*, o espectador da vida do Outro, a um só tempo anônimo e distante, numa atitude de ultrapassamento de limites e barreiras. Assim se comporta esse narrador, que se confessa observador da vida íntima da família Doherty a partir da poda de galhos e folhas de um jambeiro; e Antonieta, a personagem ‘língua solta’ do conto, os quais, em uma atitude que não deixa de estar imbuída de um aspecto canibal, se põem a ‘devorar’ e conspirar sobre a vida daquela família Outra na capital amazônica, dotada, certamente,



da intrínseca estraneidade do expatriado, do estrangeiro. Nesse sentido, a partir da reflexão sobre a atitude do olhar, penso na contribuição da escritora Regina Lúcia Pontieri (1988), segundo quem

(...) O olhar instaura um processo de conhecimento, autoconhecimento e de criação que é espelhístico: meu olho me vê através do olhar que o outro desfere sobre mim. E a cada olhar que desce sobre meu eu, cria-se um eu-máscara, cristalização do instante do olhar do outro, que toma forma à minha revelia. E em cada eu, surgido a partir de cada um dos infinitos olhares que me olham, eu me revejo, como num espelho partido, em infinitos pedaços. Multidão de máscaras em que me alieno de mim porque perco a dimensão de minha totalidade. Alienação é fragmentação. (...) Do olho ao olhado, uma distância, uma refração. Do olhado à sua imagem verbal, outra distância, nova refração. Da palavra escrita ao olho do leitor, terceiro vazio. Da soma desses vazios compõe-se o tecido verbal fragmentário: a cada buraco, um silêncio, uma armadilha. **Distância: condição do ato de olhar, condenação de quem olha.** (...)

(Pontieri, 1988, p. 45, grifo meu)

O conto fala sobre a família Doherty a partir de um viés memorialístico. Trata-se das lembranças do narrador a respeito de uma das filhas do casal, por quem nutrirá platônica admiração na juventude. Todo o enredo gira em torno do contraponto entre o retorno do narrador a Manaus e suas recordações de infância e juventude. E o que se evidencia é que, em sua maioria, tais recordações passam pela experiência do olhar distante, esse olhar fragmentário, a partir de ângulos determinados, isento de encontros inteiros, plenos, realizados. O olhar fragmentário de Regina Pontieri, portanto, apresenta-se como determinante da experiência do narrador, cujo desfecho também se encerra sob a perspectiva do olhar: “(...) Olhei pela última vez as ruínas da nossa rua e saí da varanda. (...)” (Hatoum, 2009, p. 22).

O conto *Uma carta de Bancroft* nos remete, em primeira instância, a uma condição que pode ser considerada simbólica sobre a ““estrangeiridade””. Remeto-me, inicialmente, às categorizações de Zilá Bernd sobre o viajante (a dicotomia Ulisses / Jasão). Penso no mito de Ulisses. Sua viagem era aquela ancorada na ideia do retorno. Os ancestrais de Tse Ling Roots, numa perspectiva comparada, também, mantiveram-se

ligadas a essa ideia. Tanto assim que fundaram, já que foram levados a desistir do desejo de regresso à pátria, a Chinatown na Califórnia:

(...) Num tom comovente, Ling Roots contou que seu bisavô fora um dos milhares de chineses que penaram nas minas e nas ferrovias da Califórnia. Ele abriu os braços com um gesto meio teatral e enumerou vários nomes de famílias do bairro e a cada nome acrescentou um lugar da China. Depois disse que a Chinatown é uma forma de preservar a identidade oriental de milhares de famílias chinesas nessa região da Califórnia: Meus descendentes não vieram para fazer a América, foram forçados a trabalhar aqui; por isso, imaginaram e ajudaram a construir Chinatown, o único espaço que, para eles, é realmente interessante (...)

(Hatoum, 2009, p. 23-24)

Chinatown é o espaço que permite a dupla vinculação de que fala Todorov. É o lugar que estabelece o contraponto com a terra natal. Trata-se de um mecanismo desenvolvido pelo expatriado para preservação da identidade, como ressalta o próprio personagem. Nesse aspecto, na impossibilidade de cumprir o trajeto de Ulisses, se o retorno não é possível, cria-se uma realidade contrapontística. E assim se apresenta, na cidade flutuante de Hatoum, esse estrangeiro cuja dupla exterioridade se manifesta na eterna presença de suas duas pátrias: a de origem e a do exílio, numa aproximação com o percurso do herói da Odisseia, conforme explica Bernd:

(...) A reedição do mito de Ulisses (...) corresponde à necessidade imperiosa – que ressurgue periodicamente em todas as literaturas – de se enraizar, de valorizar o que foi temporariamente esquecido e de se apropriar de valores culturais e estéticos próprios de uma nação, de um determinado grupo ou etnia. Viajar de volta à ‘casa que se fez na sua ausência’ é, para o escritor, uma urgência, na medida em que é preciso inventariá-la e descrevê-la para que ela possa se tornar realmente sua. A viagem, nesse caso, tem por finalidade reaproximar o protagonista de sua comunidade para rememorar seus mitos, suas crenças, seu imaginário ou sua ideologia. (...)

(Bernd, 2007, p. 678)

Kazuki Kurokawa é o estrangeiro central do quarto conto de Milton Hatoum. Pensemos nas dimensões simbólica e psicanalítica de *Um oriental na vastidão*. Primeiramente, pela relação projetiva e intensa que o cônsul japonês estabelece com o rio Negro. Neste ponto, defendo que a riqueza de elementos simbólicos extrapola a relação com o nativo manauara e alcança a relação entre o personagem e a própria Floresta Amazônica, numa atmosfera de fascínio e estranhamento. Minha hipótese é que a principal forma de alteridade que se revela para Kurokawa em solo brasileiro é a

própria selva. Mais do que o Outro com quem interage, é a floresta que se revela como alvo de sua necessidade antropofágica de apropriação cultural. A força disso é que seu desejo é de fusão com aquela paisagem, de perda e reelaboração de sua identidade. Ao almejar lançar suas próprias cinzas no rio Negro, não mais se diferenciara da cena estrangeira e passará a compor a própria essência de sua identidade, como um autêntico ‘estrangeiro para si mesmo’:

(...) O cônsul tirou uma bússola do bolso. Ele e o secretário se viraram para um ponto oposto ao do crepúsculo. O Oriente. Por favor, espalhe as cinzas sem pressa. Assim temos tempo para a cerimônia. Perfilados, os dois começaram a cantar o hino do Japão, enquanto eu enchia as mãos de cinzas e as jogava lentamente na água serena. Cinzas do cientista Kazuki Kurokawa. Repetiram mais duas vezes o canto do hino, breve, e, quando a cerimônia terminou, o sol sumia na selva, deixando um vestígio vermelho na natureza. Em silêncio, eles contemplaram o outro lado do horizonte e curvaram o corpo. Eu os imitei. **Depois, diante da vastidão, recordei a tradução dos ideogramas e indaguei calada a razão misteriosa das cinzas do cientista no fundo do rio Negro. Não havia mais claridade, e a superfície escura do remanso alcançava o céu.** (...)

(Hatoum, 2009, p. 34-35, grifo meu)

Zéfiro e Albano. *Dois poetas da província*. O enredo desenvolve-se durante um almoço em que se encontram aluno e ex-professor. Primeiro encontro que revela um estranhamento inicial, mas com traços de admiração recíproca. Encontro que revela, também, forte conotação política. São personagens atentos ao mundo, curiosos, questionadores. A diferença primordial é geracional. É a experiência de Zéfiro estabelecendo um contraponto com a vivacidade e as aspirações típicas da juventude de Albano. E Zéfiro sintetiza as motivações do encontro: “(...) Vinho, poesia e política, prosseguiu o Imortal. Uma virada política está agitando a França, e tu vais viver esse momento histórico. (...)” (Hatoum, 2009, p. 40). A partir dessa distinção e pensando a respeito do distanciamento temporal que marca o encontro de duas gerações, é possível, embora não de forma rígida, refletir sobre essa própria diferença geracional entre Zéfiro e Albano, em suas visões de mundo.

Zéfiro e Albano são sujeitos intelectuais, com forte consciência política e reflexões profundas e existenciais. Esses são dados que também contribuem para a caracterização dos personagens hatoumianos de **A cidadeilhada** e parecem ratificar as hipóteses levantadas neste trabalho, a respeito de uma condição mais autônoma e consciente da condição estrangeira. A própria conexão com a França – ícone de acolhimento de ideais revolucionários e atividades intelectuais, terra de encontros e

trocas de tantos outros cidadãos do mundo, sujeitos também de passagem pelos mais diferentes espaços do planeta – estabelece um critério figurativo para a acepção hatoumiana da “estrangeiridade”. Ainda que ancorados e aportados na cidade flutuante – em uma tarde de embriaguez e altas ideias – não pertencem inteiramente àquele solo amazônico. Permanecem em trânsito.

*Manaus, Bombaim, Palo Alto*, em sua atmosfera cosmopolita e errante, leva o leitor a refletir sobre a identidade política do sujeito contemporâneo, em suas novas relações com o espaço, o tempo e a alteridade. O próprio narrador reconhece sua condição errante, à deriva: “(...) Na minha vida nômade, eu nunca tinha conversado com um almirante (...)” (Hatoum, 2009, p. 53). Para Zilá Bernd, o nomadismo é a grande metáfora da mobilidade. Segundo explica,

(...) O melhor é sempre começar pelo dicionário que nos esclarece que a vida nômade é feita de deslocamentos perpétuos; aquele que não se estabelece nem fixa residência; indivíduos que não têm domicílio fixo (...) São sinônimos de nômade: errante, instável, móvel. Etimologicamente, pastor, o que vai atrás de pastagens, estando, pois, ligado à transumância (migração periódica de rebanhos, especialmente carneiros), não respeitando fronteiras nacionais na busca de novas pastagens para seu rebanho. (...)

(Bernd, 2010, p. 302, grifo meu)

Essa é a experiência do protagonista desta narrativa. Seus diálogos com o sr. Sharma, o almirante indiano, ilustram a importância da língua e da linguagem na constituição identitária dos sujeitos. Entre outros assuntos, falam sobre literatura indiana e a respeito da geografia da Amazônia: “(...) Para mim, a Índia é quase uma cartografia imaginária. Você está em vantagem, disse Sharma. Para mim, a Amazônia é o mapa de um labirinto infinito. (...)” (Hatoum, 2009, p. 55). E partindo dessas analogias, o narrador conclui: “(...) A literatura indiana também deve ser um labirinto, observei, usando a metáfora da região em que nasci. (...)” (Hatoum, 2009, p. 55). É nesse contexto, portanto, que o leitor recebe informações sobre a visão de mundo e o olhar de cada um dos personagens. Trata-se da fertilidade advinda do encontro de alteridades. Um encontro de culturas. Um encontro simbólico. Para Rogério Haesbaert,

(...) não há qualquer atividade, inclusive as atividades materiais, que não seja ao mesmo tempo produtora de sentidos e de símbolos, pois ‘compreender um fenômeno social, econômico e político leva a decifrar sua ‘razão cultural’, tal como nos ensinou uma corrente anticulturalista da Antropologia: em definitivo, ‘é a cultura que constitui a utilidade’ (...)

(Haesbaert, 2011, p. 214)

“(...) Os moradores das palafitas nos olhavam com surpresa, como se fôssemos dois forasteiros perdidos (...)” (Hatoum, 2009, p. 69). Assim são apresentados ao leitor o narrador e o cientista estrangeiro Lavedan do conto *A casa ilhada*. O enredo fala do encontro entre os personagens e, basicamente, de uma visita a um certo “(...) bangalô atraente e misterioso, que só parecia dar sinal de vida depois do anoitecer (...)” (Hatoum, 2009, p. 70-71). Trata-se de um local que abrigara, em certa ocasião, o casal estrangeiro (Lavedan e sua então esposa, Harriet). Apesar do trágico desfecho da relação, ao leitor, é dada a informação, uma suposição do narrador, de que “(...) o amante infeliz e desesperado era um cientista famoso (...)” (Hatoum, 2009, p. 75). Lavedan é figurado, nesses termos, como o sujeito político estrangeirado pelas condições de seu ofício, qual seja a de pesquisador e cientista; trata-se de um biólogo, um ictiólogo especializado no estudo de determinadas espécies de peixes, sobretudo alguns da zona equatorial. Daí suas incursões à Floresta Amazônica.

Lavedan, como as circunstâncias indicam, parece representar, também, aquele sujeito que dialoga com o viajante naturalista oitocentista, como nos mostram, principalmente, Flora Süssekind e Lorelai Kury, no segundo capítulo. Uma importante reflexão da autora de **O Brasil não é longe daqui** está relacionada com esta experiência desse personagem:

(...) o estudo dos produtos vegetais e outros aspectos das regiões brasileiras. Projeto que o impele às anotações e pesquisas diárias mesmo nessas ocasiões em que se sente francamente prostrado por tédio, cansaço ou falta de interlocutores. “**O gosto pela história natural faz nascer o de viajar**”, explica. (...)

(Süssekind, 1990, p. 108-109, grifo meu)

Observa-se, nessa perspectiva, que o estrangeiro hatoumiano apresenta-se construído a partir de uma acepção que remete às representações desses sujeitos encontradas nos romances de formação da literatura brasileira do século XIX.

Em *Bárbara no inverno*, o exílio político de Lázaro é o eixo central da trama que gira em torno da experiência do casal na França. Trata-se, portanto, do destaque que a dimensão política da ““estrangeiridade”” assume no enredo. No caso em questão, o deslocamento dos protagonistas é motivado por uma circunstância que extrapola a

condição do livre-arbítrio assegurado em contextos democráticos. E este é um dado fundamental para a aceção figurativa desses estrangeiros, em particular.

“(…) Bárbara tolerava essas conversas no mercado, mas não suportava a intimidade com expatriados e exilados (...)” (Hatoum, 2009, p. 78). Eis a contradição do casal: o convívio com o Outro, que é, ao mesmo tempo, um igual, vivenciando a mesma experiência do exílio. O incômodo de Bárbara parecia associado a uma dupla exterioridade vivenciada na pátria do desterro, nos termos da expressão cunhada por Todorov (2011). Seria uma forma, talvez, de acordo com os conceitos de Rogério Haesbaert, de desterritorializar sem reterritorializar:

(...) Simplificadamente, podemos afirmar que a desterritorialização é o movimento pelo qual se abandona o território, ‘é a operação da linha de fuga’, e a reterritorialização é o movimento de construção do território (...); no primeiro movimento, os agenciamentos se desterritorializam e, no segundo, eles se reterritorializam como novos agenciamentos maquínicos de corpos e coletivos de enunciação. (...)

(Haesbaert, 2011, p. 127)

Levando em consideração o aspecto da dupla vinculação de que fala Todorov e a não concretização do movimento sugerido por Haesbaert – segundo o qual toda desterritorialização é seguida de uma reterritorialização –, é possível abordarmos a natureza do exílio de Bárbara e Lázaro a partir de uma perspectiva de perda de identidade territorial sem um novo ganho, caracterizando uma ruptura – um trauma, talvez – e constituindo, dessa forma, um aspecto definidor de uma nova categoria para a “estrangeiridade” hatoumiana.

Seu Álvaro Celestino de Matos é o imigrante nortenho, de olhar taciturno e sotaque marcado que Hatoum nos apresenta em seu décimo conto, *A ninfa do teatro Amazonas*. Suas características nos remetem a Tse Ling Roots, o primeiro imigrante da coletânea. Seu Álvaro ‘beira os noventa anos’ e faz a vigília do teatro; por ali está sempre presente, zelando, habitando e passando a fazer parte daquele monumento histórico amazônico, como uma testemunha fiel e ameaçadora, pois muito sabe e muito conhece sobre a história local. Entretanto, sua identidade é fragmentada. A respeito dele próprio, pouco se sabe. Grande parte das informações é obtida por meio de diagnósticos psiquiátricos e suposições dos moradores a respeito de sua saúde mental. De acordo com a pesquisadora Denise Rollemberg (1999),

(...) O afastamento do universo de referências faz com que o exílio pareça com vazio, ausência, intervalo. As noções de tempo e lugar perdem a nitidez, confundindo o passado e o presente, sobrepondo o país de origem ao de destino, num esforço para manter o que não existe mais. Na impossibilidade de realizá-lo, restou em muitos a angustiante sensação de tempo perdido (...)  
(Rollemberg, 1999, p. 135)

Essa opacidade em torno da identidade de Seu Álvaro não pode ser pensada sem se considerar a questão do preconceito e do estereótipo na relação com o Outro. Um dado importante a ser considerado neste conto é referente ao distanciamento do personagem em relação à terra de origem. A hipótese, a partir da observação de Denise Rollemberg, é que esse desmembramento pode ter sido responsável pela geração de lacunas e delírios, decorrentes da perda do elo, da perda da origem.

Percebe-se, nesse contexto, uma representação mais próxima das elaborações teóricas sobre quem seja esse estrangeiro contemporâneo, na medida em que fica evidente a figuração de um sujeito fragmentado em sua constituição identitária, o imigrante pós-colonial, ou transcultural, nos termos de Tonus.

É no conto *A natureza ri da cultura* que figuram Felix Delatour e Armand Verne, os amigos estrangeiros da protagonista Emilie. Esse é outro conto em que um contraponto com o viajante naturalista do século XIX pode ser estabelecido. A respeito de Delatour, informa o narrador que “(...) Soube que deixara a Bretanha havia muitos anos; seu desejo era partir em busca do desconhecido. Para ele, viajar era uma forma de viver em tempos distintos. (...)” (Hatoum, 2009, p. 97).

Como visto no capítulo anterior, são personagens ‘viajantes-canibais’. Têm a curiosidade típica do sujeito que devora a paisagem da terra estrangeira, o encontro com a alteridade, a experiência do exílio; tudo de forma a apropriar-se da cultura do Outro e antropofogizar-se. Assim é a conduta de Delatour e de Verne. E é essa, também, a aventura do viajante naturalista oitocentista, cuja representação veio a influenciar a figuração do estrangeiro contemporâneo de Hatoum. Para Flora Süssekind,

(...) A própria noção de aprendizado, nesses dois tipos de viagem, parece mudar. No *Bildungsroman* é o próprio sujeito que emerge no seu percurso, o sentimento do mundo sintoniza-se ao autoconhecimento, o aprendizado é sempre também de si mesmo. Assim como os deslocamentos no espaço, as paisagens por que se passa estão impregnadas de tempo, história. E o itinerário geográfico desses sujeitos-em-formação converte-se em geral numa espécie de inventário do tempo também. (...)

(Süssekind, 1990, p. 110)

*Encontros na península*, finalmente, fala da vivência de um jovem brasileiro, em sua experiência de autoexílio na Europa, onde passa a lecionar português para contornar as dificuldades advindas de “jejuns forçados”, nos termos do próprio protagonista. O aspecto que se sobressai a partir dessa vivência é a própria natureza do encontro entre o jovem brasileiro e sua aluna catalã, interessada na obra de Machado de Assis, com o objetivo de impressionar seu amante português. Nesse caso, estamos falando da presença de um brasileiro em terra estrangeira.

Talvez seja ele o exilado moderno de Todorov; o sujeito errante, em busca de sua identidade de cidadão do mundo. Um sujeito voluntário do cosmopolitismo contemporâneo. O narrador-protagonista deste conto desterritorializa-se simbolicamente, em busca de ampliação do seu conhecimento a respeito de sua identidade na era do exílio.

E com esse personagem brasileiro que sai à deriva e passa, também, à condição de espectador do mundo, do Outro e de si, penso na particularização de cada personagem figurado em **A cidade ilhada**, coletânea que tão marcadamente narra histórias de cidadãos de passagem por esta cidade flutuante – à deriva geograficamente, mas que abriga, ancora e acolhe esse estrangeiro errante de Hatoum.

Um aspecto importante a ser considerado, primeiramente, é a distinção entre a representação hatoumiana da “estrangeiridade” aqui estudada e outras constantes da historiografia literária nacional. É relevante, para isso, recorrer aos dados fornecidos sobre a história da imigração no Brasil, apresentados, por exemplo, no capítulo desenvolvido por Zuleika Alvim, no volume 3 de **A história da vida privada no Brasil**, organizado por Nicolau Sevcenko. Segundo a autora, “(...) o ideário da abundância dos trópicos introduzido na Europa pelos inúmeros relatos de descobridores e viajantes a partir do século XVI fizera escola. (...)” (Sevcenko, 1998, p. 219). Em números, a pesquisadora informa que:

(...) Mais de 50 milhões de europeus – população global da Itália hoje – deixaram o continente entre 1830 e 1930. Grande parte teve como destino a América do Norte [...] mas 11 milhões, ou seja, 22% do total, foram para a América Latina, dos quais 38% eram italianos, 28% espanhóis, 11% portugueses e 3% da França e Alemanha. Desses 11 milhões que foram para a América Latina, 46% foram para a Argentina, **33% para o Brasil**, 14% para Cuba, e o restante dividiu-se entre Uruguai, México e Chile. (...).

(Sevcenko, 1998, p. 220, 221, grifo meu)



Outra questão a ser ponderada é a natureza e o objetivo dessas empreitadas imigratórias iniciais. Via de regra, esses emigrados europeus estavam em busca de reconstruir a vida e escapar das dificuldades apresentadas pelo contexto de uma “Europa expulsora”, nos termos da autora, a qual, em decorrência das transformações decorrentes da Revolução Industrial, “(...) foi liberando um excedente de mão-de-obra que a industrialização tardia de países como a Itália e Alemanha, por exemplo, não tinha condições de absorver. (...)” (Sevcenko, 1998, p. 219). E, nesse contexto, Zuleika Alvim segue explicando:

(...) Tomada a decisão de emigrar, tinha início uma história que se pode dizer de movimento infindo. A mobilidade (...) passa a ser normal. (...) Ao sair, os camponeses não imaginavam se fixar ou recriar o mundo ao qual estavam habituados em terras estranhas, (...) Saíam pensando em conseguir algum dinheiro e voltar ao país de origem. (...).

(Sevcenko, 1998, p. 234)

No volume seguinte da coleção **A história da vida privada no Brasil**, Boris Fausto, por sua vez, fornece informações complementares em relação a esses movimentos:

(...) A segunda característica específica do imigrante que trato de ressaltar diz respeito à sua condição de outro, a uma alteridade composta de olhares cruzados: do imigrante para o nacional e deste para o imigrante. A visão do estrangeiro como outro, objeto de curiosidade algumas vezes, objeto de temor e desprezo quase sempre, tem fundas raízes na história do mundo ocidental. (...).

(Fausto, 1998)

O que Boris Fausto, apresenta como indagação é: “(...) Em que medida essa condição de outro, estampada no estrangeiro, valeria no quadro específico da imigração em massa para o Brasil? (...)” (Fausto, 1998). Segundo explica, existe uma constatação histórica de acordo com a qual essas “aventuras imigratórias” foram bem-sucedidas no Brasil, em função de terem propiciado a esses expatriados uma satisfatória inserção na sociedade e ascensão social. A questão que se coloca, no entanto, de acordo com o pesquisador, é a trajetória executada, desde o momento da travessia física até o “roteiro de dificuldades” enfrentado na terra de adoção, passando pelos desafios do encontro com o nativo da nova pátria: “(...) Se os estrangeiros despertavam sentimentos

contraditórios nos nacionais, a mesma contradição surgia em sentido inverso (...)” (Fausto, 1998).

Uma marca saliente desses sentimentos contraditórios terminou por ser estampada no tratamento conferido a esses sujeitos, sobretudo em função da heterogeneidade étnica que caracterizou esses movimentos, a exemplo das caricaturas e dos estereótipos acentuados, “(...) reforçando imagens preconceituosas do “judeu da prestação”, do “espanhol encrenqueiro”, do “turco embrulhão” etc. (...)” (Fausto, 1998).

Diferentemente dessas abordagens ilustradas por Zuleika Alvim e Boris Fausto, parecem evidentes nas narrativas de Milton Hatoum outros sentidos para a “estrangeiridade”. Trata-se de uma particularização que pode ser traçada a partir de determinadas categorias: em sua maioria, os estrangeiros de sua coletânea de contos possuem *status*. Pertencem a um grupo social privilegiado. São eruditos, reflexivos, filosóficos. Não vieram trabalhar ou constituir mão de obra para lavouras ou ofícios semelhantes; não são turistas e, a exemplo da adequada definição de Walnice Galvão, estão de passagem.

É presente, também, uma reflexão sobre a alteridade em diferentes níveis, mas que não alcança, afora uma ou outra exceção, o trauma da ruptura. Não há um destino traçado pela ancestralidade; ou um contexto político expulsor; ou ainda catástrofes naturais que os conduzam aos seus deslocamentos e que os caracterizem como representantes da imigração em massa, nos termos de Said (2003) ou de Boris Fausto (1998). Parecem, ao contrário, ser guiados por motivações internas que se unem a condições socioculturais e econômicas propícias às suas empreitadas, em uma nova cena contemporânea, marcada por um contexto de fronteiras territoriais pouco rígidas e um fator essencial na composição de uma acepção hatoumiana para a “estrangeiridade”: o poder de escolha da modernidade.

## BIBLIOGRAFIA

### de ficção

CAMUS, Albert. **O estrangeiro** (2011). Trad. Valerie Rumjanek. 2ª ed. Rio de Janeiro: BestBolso.

HATOUM, Milton. **A cidadeilhada** (2009). São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. **Dois irmãos** (2000). São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. **Cinzas do Norte** (2005). São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. **Órfãos do Eldorado** (2008). São Paulo: Companhia das Letras.

\_\_\_\_\_. **Relato de um certo Oriente** (2008). São Paulo: Companhia das Letras.

### de teoria e crítica

BACHELARD, Gaston. **A intuição do instante** (2010). Trad. Antonio de Padua Danesi. 2ª ed. Campinas, SP: Venus Editora.

BARBERENA, Ricardo. “A *esquize* da identidade latino-americana: O desassossego de sujeitos interditados nas bordas da nação” (2009). In **Revista Cerrados: Literatura: trânsitos e desassossego**, nº 27, ano 18. Universidade de Brasília, p. 197-211.

BARTHES, Roland. **A câmara clara** (2010). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.

BERND, Zilá [et al.]. **Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos**. (2010). Porto Alegre: Literalis.

\_\_\_\_\_. (Org.). **Dicionário de Figuras e Mitos Literários das Américas**. (2007). Porto Alegre: Tomo Editorial, Editora da Universidade.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas Híbridas: Estratégias para entrar e sair da Modernidade** (2008). Trad. Heloísa Pezza Cintrão, Ana Regina Lessa; trad. da introdução Gênese Andrade. 4ª ed. 4ª reimp. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo.

CANDIDO, Antonio. “Literatura e Subdesenvolvimento” (2011). In. **A educação pelo noite**. Rio de Janeiro: 6ª Ed. Ouro sobre Azul.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. [et al]. **Dicionário de Símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)** (2009). 24ª ed., trad. Vera da Costa e Silva [et al], Rio de Janeiro: José Olympio.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio** (2008). Tradução de Davi Arriguci Jr. e João Alexandre Barbosa. São Paulo: Perspectiva.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Dicionário etimológico da língua portuguesa** (2010). Rio de Janeiro: Lexikon.

DALCASTAGNÈ, Regina. “Contas a prestar: o intelectual e a massa em *A hora da estrela*, de Clarice Lispector” (2001). In. **Revista de Crítica Literária Latinoamericana**, nº 3, Aarhus, p. 82-98.

ECO, Umberto. **Cinco escritos morais** (2006). Tradução de Eliana Aguiar. São Paulo/Rio de Janeiro: Record.

\_\_\_\_\_. **Seis passeios pelos bosques da ficção** (1994). Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras.

FAUSTO, Boris. “Imigração: cortes e continuidades”, em SCHWARZ, Lilia (org.) **História da vida privada no Brasil** (1998). São Paulo: Companhia das Letras, v. 4, p. 16-61.

GALVÃO, Walnice Nogueira. “Forasteiros”, em **Desconversa** (1998). Rio de Janeiro. Ed. UFRJ.

GARDIN, Carlos. **O teatro antropofágico de Oswald de Andrade: da ação teatral ao teatro de ação** (1995). São Paulo: 2ª Ed. Annablume.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização: do “fim dos territórios à multiterritorialidade”** (2011). Rio de Janeiro: 6ª ed. Bertrand Brasil.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade** (2006). Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Rio de Janeiro: 11ª Ed. DP&A.

KRISTEVA, Julia. **Estrangeiros para nós mesmos** (1994). Petrópolis, RJ: Rocco.

PIGLIA, Ricardo. **Formas breves** (2004). Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras.

PONTIERI, Regina Lúcia. **A voragem do olhar** (1988). São Paulo: Perspectiva.

REIS, Carlos e LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria narrativa** (1988). São Paulo: Ática.

SAID, **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios** (2003). Tradução Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras.

SAUSSURE, Ferdinand. **Curso de Linguística Geral** (2006). Org. Charles Bally e Albert Sechehaye; colaboração de Albert Riedlinger; Trad. Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blickstein. 27ª ed. São Paulo: Cultrix.

SEVCENKO, Nicolau. (Org.). **A história da vida privada no Brasil; 3.** (1998). Coordenação-geral da coleção: Fernando A. Novais. São Paulo: Companhia das Letras.

SÜSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem** (1990). São Paulo: Companhia das Letras.

TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro: apresentação dos principais poemas, manifestos, prefácios e conferências vanguardistas, de 1857 a 1972** (1997). 18ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes.

TODOROV, Tzvetan. **O homem desenraizado** (1999). Tradução Christina Cabo. Rio de Janeiro: Record.

\_\_\_\_\_. **A conquista da América: A questão do outro** (2011). Trad. Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo, WMF Martins Fontes.

### da Internet

ANDRADE, Oswald de. **Manifesto Antropófago** (1928). Comentários e hipertexto de Raquel R. Souza (FURG). Disponível em: <http://www.ufrgs.br/cdrom/oandrade/oandrade.pdf>. Último acesso em 23/08/2012.

ASSIS, Machado de. **O alienista** (1882). Ministério da Cultura. Lei de Incentivo à Cultura. Disponível em: <http://www.virtualbooks.com.br/v2/ebooks/pdf/00142.pdf>. Último acesso em 23/08/2012.

FREUD, Sigmund. **O estranho** (1919). Trad. Alix Strachey, 1925. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/43021478/O-Estranho-Freud>. Último acesso em 23/08/2012.

\_\_\_\_\_. **Totem e tabu** (1913-1914). Trad. James Strachey, 1950. Disponível em: [http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e\\_livros/clle000164.pdf](http://www.planonacionaldeleitura.gov.pt/clubedeleituras/upload/e_livros/clle000164.pdf). Último acesso em 23/08/2012.

HATOUM, Milton. “A dois passos do deserto: visões urbanas de Euclides na Amazônia” (2000). In **Teresa: revista de Literatura Brasileira**. Universidade de São Paulo nº 1, São Paulo, Ed. 34.

KURY, Lorelai. “Viajantes-naturalistas no Brasil oitocentista: experiência, relato e imagem” (2001). In **História, ciência, saúde – Manguinhos**, vol. VIII (suplemento), 863-80. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v8s0/a04v08s0.pdf>. Último acesso em 23/08/2012.

OLIVIERI-GODET, Rita. “Estranhos estrangeiros: poética da alteridade na narrativa contemporânea brasileira” (2007). In. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, n.º. 29. Brasília, janeiro-junho de 2007, pp. 233-252. Disponível em [http://www.gelbc.com.br/pdf\\_revista/2914.pdf](http://www.gelbc.com.br/pdf_revista/2914.pdf). Último acesso em 10/01/2013.

PELLEGRINI, Tânia. “Milton Hatoum e o regionalismo revisitado” (2004). In. *Luso-Brazilian Review* **41.1**, p. 121-138. Disponível em [http://muse.jhu.edu/journals/luso-brazilian\\_review/v041/41.1pellegrini01.html](http://muse.jhu.edu/journals/luso-brazilian_review/v041/41.1pellegrini01.html). Último acesso em 23/08/2012.

PIRES, Maria Isabel Edom. “Ecos do norte. A representação do espaço amazônico na literatura de Milton Hatoum” (2006). In. **Letterature d’America – Rivista Trimistrale**. Ano XXVI, n.º 112. Disponível em <http://www.miltonhatoum.com.br/sobre-autor/criticas-artigos/ecos-do-norte-a-representacao-do-espaco-amazonico-na-literatura-de-milton-hatoum-de-maria-isabel-edom-pires>. Último acesso em 23/08/2012.

TONUS, José Leonardo. “O efeito-exótico em Milton Hatoum” (2005). In. **Estudos de literatura brasileira contemporânea**, n.º 26. Brasília, julho-dezembro de 2005, p. 137-148. Disponível em <http://seer.bce.unb.br/index.php/estudos/article/view/2129>. Último acesso em 23/08/2012.